

Ciência das Religiões

(Excerptos e resumo de um estudo)

MARTINS DE OLIVEIRA

Poderá existir **ciência de princípios religiosos**,¹ ou **ciência geral de religião**,² ou, ainda, **ciência das religiões**?³ A pergunta pressupõe tema complexo, profundo, que é a fé em sentido amplo, na base do verbo de conjugação universal — **crer**. A resposta, entretanto, está implicitamente feita pela imensa bibliografia da atualidade, muito embora haja tentativa de sistematização ou, pelo menos, uniformização de conceitos e prin-

1. O presente artigo constitui o último capítulo do Tomo Primeiro, Primeira Parte, do Livro **Catenalismo**, trabalho inédito.

2. FARIAS BRITO (**O Mundo Interior**, pág. 98) expõe a opinião de CHANTEPIE DE LA SAUSSAYE, que considera T. MAX MÜLLER como fundador da ciência, seguido por TIELE.

3. JOACHIM WACH (**Sociologia de la Religión**, Fondo de Cultura Económica, México, pág. 17) fala em «ciencia generale de la religion, que abarca dentro de su esfera la fenomenologia, la historia, la psicologia y la sociologia» da fé, «proponiendose la comprension de la naturaleza de todas las religiones». Colhe apoio nos estudos de ROBERT RANULPH MARATT (**Psychologie and Folklore**, Londres, Methen & Co., 1919, cap. VII). Poderá o tema confundir-se com a sociologia das religiões, como se percebe do prólogo de **Psicologia de las Religiones**, de R. de la GRASSERIE e R. KREGLINGER (Ediciones Pavlov): «Pero pueden estudiar-se las religiones desde um punto de vista diferente, desde el subjetivo. No se trata ya de saber si uma religion, o un conjunto de religiones, es objetivamente, ni aun, suponiendolas verdaderas, de averiguar qué sistema del mundo puede construir-se por entero sobre esta base; tratase tan solo de considerar la religion o las religiones

cípios.⁴ Matéria enciclopédica pela amplitude considerável do temário, transcende os limites da teologia, da sociologia da religião, da psicologia religiosa e da própria filosofia religiosa, excluída, — é claro, — tôda e qualquer incursão a sentido

como um produto, ya de la sociedade, ya del espíritu humano». Poderá o tema ficar aderente a ramos laterais do **conhecimento religioso** em sentido amplo, seja quanto às suas origens, seja quanto a seu desenvolvimento. Mas, nesse caso, impõe-se o método histórico, ao lado da psicologia pròpriamente dita e da sociologia. TOBIAS BARRETO alude a **ciência das religiões** e, ainda mais, propugna a ciência das **revelações comparadas**, numa velada e comovente confissão que em muito o absolve das inumeráveis irreverências cometidas em sua tumultuosa vida...

4. Busca-se, no presente livro, tentativa de esbôço. Além de constituir tema antigo, apresenta variantes de conformidade com a orientação de cada pensador ou filósofo. Que é tema profundo, universal, basta a rubrica solene — **religião**. Escritores há que lhe não dão importância, firmados em pura e incompreensível negativa. Há dos que, reconhecendo o tema em sua fenomenologia, lhe prognosticam o próximo desaparecimento, como GUYAU (*L'Irréliçion de l'avenir, Étude sociologique*). O filósofo brasileiro TOBIAS BARRETO (poeta e escritor brilhante, nem sempre justo e, menos que justo, nem sempre sereno) refutou a tese. O escritor francês não terá tido análise mais contundente e, em muito ponto, veracíssima, do que a do pensador patricio. Análise vibrante, de verdadeiro mestre (*Estudos Alemães*, 1892, pág. 538). O livro de GUYAU foi publicado em 1897, e a sua predição não tem o mais mínimo esbôço de comêço. É espantoso que, combatendo religiões e prognosticando a extinção delas, se dê ao luxo e à contradição de imaginar religião aristocrática, na qual o sacerdócio seria exercido por figuras eminentes... A bibliografia, como foi acentuado, é copiosa, verdadeiramente torrencial. Não admira, antes comove, que assim aconteça, dada a natureza fundamental do problema — **destinação do homem em face do mistério**. Inevitavelmente, sujeita-se, como **homo religiosus**, à experiência do sagrado, na frase de RUDOLF OTTO (*Lo Santo*, edição espanhola). É indispensável a advertência: Nos presentes estudos não há guarida às chamadas **religiões artificiais**, fundadas por homens, destituídos de **atitude numinosa** ou **atitude sagrada**. Tais religiões nem chegam a ter vida. Desaparecem logo. Assim aconteceu com a **religião da humanidade**, de AUGUSTO COMTE. Houve uma tentativa de revivescência do **germanismo**, ou restauração de velhas crenças míticas da Germânia, ensaiada ou ativada por JACOB GRIMM e seguida por SCHWARTZ, através de esforços inteiramente inúteis, durante a Segunda Grande Guerra, pelos totalitaristas.

particular ou exclusivista da confissão religiosa.⁵ Se se considera a Terra, em seu conjunto de aglomerados humanos (ou **humanidade** em sentido próprio) como função do mundo invisível (ou **espiritualidade** em sentido amplo, segundo foi exposto no Capítulo I, destes estudos), dever-se-ia concluir por uma **religião universal**, tomada a significação do termo em sentido técnico. Mas a **função** está em extremo diversificada, em numerosas **sub-funções**, de fundo soteriológico.⁶ Tão ampla é a diversificação que a **função religiosa** (ou, em termos técnicos, **prática religiosa**) obedece a sistemas e organizações próprios. Não se conclua, entretanto, daí, que, diversificada a função em cada organização ou sistema, desapareça a **função própria-mente religiosa**, em face do mundo invisível. É **fato** ou **fenômeno permanente**, à semelhança do direito. Inextinguível, inextirpável, indominável em tôda a sua fôrça, é da substância da atividade humana, ou inerente ao homem, onde quer que se encontre. Para a compreensão do que se diz, basta a exemplificação necessária no caso: Deus, ao criar a Terra, deu-lhe necessariamente **função**, que está no Seu Pensamento ou na

5. **Teologia**, em particular, é **sob certo ponto-de-vista** a ciência de determinada confissão, isto é, análise e interpretação dela.

6. Tôdas as religiões, em geral, das do tipo **reveladas**, têm soteriologia própria, isto é, o tratado ou discurso de salvação. Em face do mistério da morte, de profundas e inevitáveis repercussões na mente humana, o homem procura uma solução, que é o seu consôlo ou a sua satisfação íntima. Entende que a vida continua e, assim, não admitindo, como não admite, o **nihilismo religioso** (materialismo puro), aceita inevitavelmente, ou necessariamente a solução da **vida melhor**. Assim como os antigos alquimistas e físicos sustentavam a tese de que a **natureza tem horror ao vácuo**, assim também a **humanidade tem horror ao nada**. A intuição profunda, conclusiva na religião, através do aforismo — **ninguém se perderá, se tiver sido bom** — é invariável. Tal é, em sentido amplo, o objeto da soteriologia que, por vêzes, se confunde com a religião a que dá fundamento. Mas é preciso se acentue que soteriologia em sentido amplo poderá abranger o conteúdo ideológico de religiões ilustres, das do tipo **reveladas**. Precede em muito ponto à própria religião. Dada a imponência com que a revelação do **CRISTO** se apresenta em bases solenes e imutáveis, sempre se admitiu que a soteriologia se refere a **JESUS** e é assim considerada.

Sua Vontade, e a **função** se realiza sob **formas** e **veículos**, que são as religiões.⁷ Se há diversidade de **formas** e **veículos**, através de **sub-funções**, não quer dizer isto que a **função fundamental**, aquela que está no Pensamento Divino, se não exerça. Para se chegar ao sistema geral, em que se possa enquadrar a finalidade das religiões e, ao mesmo tempo, aglutinar, em paralelismo, os elementos de formação e organização delas, é indispensável que, em primeiro lugar, se admita a função em geral. E a função é clara, indissimulável, imodificável em sua essência. Aos negadores da eternidade do **órgão** e, conseqüentemente, da eternidade da **função**, ocorre, como foi

7. É necessário se tome a palavra **função** no sentido imemorialmente consagrado em ciência. Ninguém terá, jamais, a força de criar **função**, sem que procure formar o **órgão** ou o **instrumento**. Já foi exposto que o artificialismo ilusório de muitas criações não chega a ter **constância** e, por isso mesmo, **duração**. Para a construção ou edificação de instrumento ou **órgão** religioso, há influências de forças superiores à vontade do homem. Esse conjunto de forças superiores, insitas no Ser Absoluto, determina ou dá origem a **órgãos**, os quais irão exercer a função de fazer com que tudo marche para o Ser Absoluto. De certo modo, a **religião pura** é o Ser Absoluto, mas a função no caso é fazer com que o homem, pelo seu espírito, volte ao Ser Absoluto. Ser e vir a ser, como no sistema kelseniano, são os pontos supremos da compreensão do sistema religioso puro. É interessante a revelação da história para a compreensão do próprio significado de **religio**. O sentido congregacional é uma das exigências inelutáveis para o próprio gregarismo religioso. «Ninguém ergue sózinho o edificio considerável da fé. Todos se entre-ajudam». (DEMÓSTENES MARTINS DE OLIVEIRA, «Evangelho de Uma Vida», pág. 162). Invariavelmente, o **edificio da fé** surge através de lutas. No decorrer dos séculos, o ambiente passa por variações profundas, pelas quais, o **órgão** misterioso impõe à humanidade **função** que se vai aperfeiçoando e, conseqüentemente, se depura a pouco e pouco de ingredientes antigos, com a finalidade de atingir o máximo de aproximação à fonte suprema. Todos os homens, sem que possam ter noção direta, ou sentido por mínimo que seja, da ação, são inexoravelmente instrumentos da força misteriosa, para a edificação da fé. Como paradoxo, que admite interpretação algo engenhosa, escreveu PASCAL: *Qu'il est beau de voir, par les yeux de la foi, Darius et Cyrus, Alexandre, les Romains, Pompée et Hérode agir, sans le savoir, pour la gloire de l'Évangile!* (Pensées). Assim, de certo modo o próprio artificialismo da **creação** (!) de AUGUSTO COMTE vem como prova de que sua religião

lembrado, a possibilidade **irreligião** ou, antes, de **humanidade irreligiosa**.⁸ Além do desmentido através dos séculos, seria necessária que se admitisse, também, a inexistência futura de fatos ou fenômenos fundamentais. Tome-se o direito, dentro da própria doutrina kelseniana do **ser e vir a ser**. Admitir-se-á, acaso, o perecimento do direito, ainda mesmo dentro do **vir**

não poderia vingar, porque a **organização pre-existe** e, conseqüentemente, a **função**, também. Não é possível a criação de um **vir a ser**, que não se amolde, em sua finalidade, ao Ser Absoluto. Tanto vale dizer que órgão e função não poderão ser modificados por decretos de homens, nem jamais forças terrenas poderão sufocar a crença (**vir a ser**), extinguindo-a da face da terra. De certo modo, implantaram-se as palavras, que se leem em MATEUS, cap. V, v. 18: **donec coelum et terra, iota unum, aut unus apex non preteribit a lege, donec ominia fiant**.

8. AUGUSTO COMTE em seu **Cours de Philosophie Positive** chegara a afirmar o caráter precário das religiões. Emendou a mão em livros posteriores, confessando a eternidade do sentimento religioso. Foi quando lhe veio a idéia de fundar a **religião da humanidade**, com a sua teologia específica, baseada na trindade: o Grande Ser, a Humanidade; o Grande Ídolo, a Terra; e o Grande Meio — o Espaço. Nem lhe faltou o sentido do eterno feminino, dentro, talvez, da fórmula goethiana, e o filósofo tratou de dar preeminência à sua Clotilde de Vaux... Repise-se que GUYAU preconizara o desaparecimento da religião e o germe de sua idéia estava em livro anterior ao volume **L'Irreligion de l'avenir**. Seu trabalho causou profunda sensação na época, uma vez que cerrara fileira na vanguarda dos negadores, como VACHEROT (**La Réligion**), LAURENT, alguns pensadores alemães do topo de HARTMANN, STRAUSS. Com categoria e seriedade, entre várias **tendências** (naturalista, psicológica, etc.) surgiram as clavas poderosas de RITSCHL, SABATIER, WILHELM HERMANN e, modernamente, ÉMILE BOUTROUX, CHRISTOPHER DAWSON, PINARD DE LA BOULLAYE. A tese da perpetuidade da religião vem de ARISTÓTELES. Na atualidade, não encontra opositor sério, senão na doutrina do materialismo histórico. Ainda sob esse aspecto, a oposição não tem nada, absolutamente nada de científica, por se tratar de exclusiva influência política. A tese condenatória da religião estaria na afirmativa de que é ela o **ópio do povo**. Nada mais ridículo nem terrivelmente enganador do que a imposição do critério político para as verdades da ciência. Por outro lado, a submissão da religião a interesses políticos daria, como tem dado, o desastroso resultado das deturpações. Um rei buscara valer-se da religião para o predomínio de seus interesses. E a frase ficou modelo de astúcia: **Paris vaut bien une messe...**

a ser kelseniano? A resposta é a negativa total. Procura-se, ainda, engenhosamente, o método comparativo, ou de contraste, para a construção da tese: a manifestação religiosa nos povos de ínfima cultura é a que seria observada nos povos primitivos, ou, antes, na aurora da humanidade.⁹ Claro que há variantes na tese, mórmente no ponto em que se busca explicar a passagem dos grupos inferiores aos tipos superiores da mentalidade. Mas isso é matéria, em parte, estranha ao tema em debate.

2 — Se se estabelece, como foi sustentado no primeiro capítulo, que o **mundo visível** ou perceptível (humanidade) é uma função do **mundo invisível** ou imperceptível (espiritualidade), tem-se como certo que, pelo fato de existir a **função**, há necessariamente **órgão**. Conseqüentemente, a **organização** implicaria um conjunto de meios para a prática religiosa. A conclusão inevitável é que a soma de todos os órgãos (religiões) corresponderia à soma de tôdas as **funções**. E é o que se observa em tôda a face da Terra. Assim, as aglomerações humanas, desde as que se acham ainda em estágio inferior de cultura até às de padrão alto, são entidades que se encontram dentro da organização religiosa, seja em sentido escatológico,¹⁰ seja soteriológico. O ideal da **religião única** presentemente não está situado em dados pelos quais venha a ser realizado, segundo prédica multissecular. O que se admite seria uma razoável média de funções, mais ou menos paralelas, ou similares, em determinados pontos e, assim, uma classificação nem

9. Não é desconveniente se lembre aqui LEVY BRUHL (*Las Funciones Mentales en las Sociedades Inferiores*), que, segundo se conclui de seus estudos, parece admitir **evolução religiosa**. A palavra — **evolução** — deve ser recebida sob reserva. O espírito humano, em si, tomado em sua essência, é imutável. Sua **função** parece diversificada no curso dos tempos. Parece, apenas.

10. A escatologia (**eskhatos** — último, e **logos** — discurso) trata do problema do além. Consumada a vida humana, começa a vida espiritual. As religiões chamadas **reveladas**, ou **universais**, versam o problema da destinação das almas, após o perecimento do corpo. Desnecessário dizer que foge ao plano dos presentes estudos o desenvolvimento do tema — **escatologia** — em cada religião.

sempre homogênea de religiões.¹¹ O paralelismo das confissões, excluídas as restrições de sua teologia particular,¹² é fato perfeitamente verificável, antes de ser propriamente método. Repise-se com todo o rigor a afirmação. Como na história natural e na própria história, os fatos que guardam semelhança mais ou menos acentuadas entre si, sob possibilidade de incidências em classificações, têm, necessariamente, como ponto de partida, causa semelhante, ou, em termos, diretos, a mesma fonte matriz. As espécies incluem-se — óbvio seria dizê-lo —, em

11. DILTHEY (*Teoria de la concepción del mundo*, Fondo de Cultura Economica, México, pág. 29), no capítulo **Religiosidad**, apenas trouxe breve esboço da metodologia da história da religião, não chegando a tomar as religiões no seu conjunto. E foi pena que assim tivesse procedido. Por alto, muito alto, aludiu apenas «el desarrollo logrado por la imagen del mundo mediante la reflexión y el desenvolvimiento de proposiciones científicas». Sem embargo de tudo, aponta, no tocante à história, os métodos, nos quais se encontram a conexão, a comparação, a interpretação psicológica, e entende que a religiosidade, por si mesma, como manifestação da estrutura, etc., não constitui uma conexão explicável. A **luz nova**, de que fala LEVY BRUHL, para iluminar os dogmas religiosos e sistemas filosóficos, não pode ser **nova**. Fôra como se dissesse que existiria um **Deus Novo**. Em que pese à imensa autoridade de mestres, lance-se aqui em letra de forma: nem DILTHEY nem LEVI BRUHL, nem seus sequazes, souberam colocar o problema nos devidos limites. Se se busca uma **razoável média** de funções paralelas ou similares em determinados pontos, não se segue daí que as religiões são iguais, segundo a fórmula de HARNACK, pela qual se sustenta que o conhecimento de uma religião leva ao conhecimento de todas. Certos temas, em verdade, se acham repetidos em muitas religiões, mas a diferença entre várias levaria a distinções específicas, mórmente na esfera da liturgia, indissimulavelmente diversa em cada uma delas.

12. Todas as religiões, mórmente as que possuem a rubrica — **reveladas**, ou as de tipo universal, têm a sua teologia. Em sentido próprio, como foi acentuado no capítulo I, a teologia é uma disciplina puramente normativa, em que se busca fixar as bases de determinada fé. Regra de afirmação permanente, vale-se de definições. Não é em rigor uma **ciência do geral**, em sentido técnico. Em restrição muito legítima, possível é afirmação de que é **ciência particular** de determinada crença. O conjunto das **teologias** de todas as religiões, no ponto de convergência de afirmações similares ou idênticas, daria a **teologia geral**, base ampla para o estudo da **ciência das religiões**.

determinado gênero, e os gêneros se enfileiram em caracteres gerais. Os acontecimentos, que se verificam na marcha do que se considera civilização, não surgem desregradamente, ou arbitrariamente, segundo a velha fórmula voltairiana a respeito de Sua Majestade o Acaso, **boutade** que, se não desmoraliza o filósofo de Ferney, pelo menos o deixa amarrotado na miséria de suas convicções. Os acontecimentos, repita-se, submetem-se a forças atuantes, incontornáveis, as quais, por sua vez, encontram dependência a princípios e leis. Por igual, as religiões, como expressão da atividade coletiva em relação ao destino do homem após a morte, exatamente por não serem, como nunca foram, fenômenos arbitrários, ou criações fantásticas, ideações puramente vãs, mas realidade viva, forte, intensa, que tem origem, ainda misteriosa, **duração** indefinida, com influência decisiva sobre a humanidade, são fatos rigorosamente catalogáveis, suscetíveis de ordenamento em linhas gerais. Já se disse e aqui se acentua mais uma vez: o ideal de religião única, universal, foge, na atualidade, a dados firmes, mórmente dentro do lema — **unum ovile e unus pastor**. Pelo menos, não atingiu ainda aspectos que possam revelar, ou tenham a força de revelar, a futura aglutinação. É o que ensina a História. Até à presente data, a impossibilidade de religião única, através de teologia uniforme e invariável liturgia, encontra explicação na diversidade de raças, de línguas e dos imponderáveis mistérios, assinalados em cada época na marcha da civilização. As dissensões, por vêzes tremendas, em cismas de repercussão profunda, na própria esfera da política, deixam claro que o tema — repita-se — está longe, muito longe ainda da solução. Inegável é, porém, que o fundo, a essência da verdade contida nas religiões não se abalará nunca, notadamente a que contiver a palavra de Quem, dando-se em sacrifício à ira dos poderosos de seu tempo, pregou a liberdade, sob o sêlo de seu nome, instaurando, acima de tudo, o sistema da opção pura, sem concessões de espécie alguma.¹³

13. *Matth.*, VII, 29; *Erat enim docens eos sicut potestatem habens...* No mesmo ponto: *Marc.* I, 22; *Luc.*, IV, 32.

3 — Antes da exposição, que será breve, da ciência das religiões, haja espaço para reparo à bem elaborada e por isso mesmo conceituada classificação de WUNDT. Se bem que, sob a rubrica ampla, **teoria dos princípios**, verdadeira subdivisão das **ciências filosóficas**, haja colocado o que entende por **filosofia da religião**, cometeu o eminente mestre, a nosso ver, a falha de uma redução, salvo se, em sua terminologia filosófica, ou científica, a palavra — **filosofia** — se confunde com a ciência, como, vêzes muitas, sob manifesto engano, se confunde **teologia** com **filosofia da religião** e até **ciência da religião**. Partindo do falso pressuposto de **criações mentais** do indivíduo, expressão que não merece acolhida, como se verá adiante, preconiza o insigne psicólogo e fisiologista germânico uma tripartição: a) **ética e filosofia do direito**; b) **estética**; e c) **filosofia da religião**.¹⁴ É preciso, porém, desde já, se dissipe o grande equívoco, à sombra da redução a ponto único — **filosofia da religião**, tema que não pode abarcar os princípios da **fenomenologia religiosa**, da **psicologia da religião**, da **sociologia da religião**, da **história das religiões**, da **teologia comparada** e, ainda, da **teodicéia propriamente dita** e **teodicéia comparada**. Claro que não se deve vislumbrar, no presente comentário, desejo de diminuir a grande concepção de WUNDT, tanto mais quanto, segundo a tendência geral dos pensadores alemães, sempre houve confusão entre filosofia da religião e ciência da religião. Vezo comum é o uso da expressão — **criações mentais**. Nada mais errôneo. Urge se afaste do plano das discussões essa indisfarçável revivescência de conceitos antigos. Já se expôs em capítulo diverso a impossibilidade de **criações mentais puras**. A ciência cuida de **fatos** e não de **criações mentais**, se é que as chamas **criações mentais** possam ter a significação

14. Aqui a análise é limitada, apenas, ao trabalho de WUNDT. Estimado autor brasileiro ESTEVAM CRUZ inclui na **lógica das ciências morais e sociais** a ciência das religiões. Para a divisão das **ciências sociais** admitiu a tripartição: a) **Sociologia Geral**; b) **Sociologia anatômica** e c) **Sociologia fisiológica**. Nesta subdivisão, incluiu a ciência das religiões. Fê-lo com sabedoria? A nosso modesto entender, não. (*Compendio de filosofia*, 1934, pág. 416).

que se lhes quer dar, na categoria de fatos que surgem na mente, não como decorrências de imposições externas, mas da simples condição de **fatos concebidos** pelo próprio indivíduo.¹⁵ Exponha-se o argumento decisivo que desarma inteiramente o raciocínio dos pregoeiros das ditas **criações mentais**. O **fato espiritual** diz-se fundado em **crença**. Eis aí a grande erronia ou, em sentido mais duro, despejado despautério. O fato pre-existe: a crença vem conferir-lhe ou atestar-lhe a realidade. Por exemplo, a crença em Deus é fato interno do espírito, uma predisposição inevitável e universal,¹⁶ não negada pelos próprios céticos e filósofos notoriamente infensos ao problema. Será Deus uma **criação mental**? Nunca. O fato espiritual não surge arbitrariamente. É uniforme. Permanente.¹⁷ Obedece a leis próprias. Está por isso mesmo rigorosamente enqua-

15. É singular a existência de muito recurso dialético, através de princípios *a priori*. A expressão — **criação mental** — é uma delas. **Criar** é tirar do nada. Ora, não pode o homem tirar do nada elemento que se acha no seu pensamento...

16. TOBIAS BARRETO, jurista e pensador insuspeito, oferece argumentação brilhante: «A crença em Deus, como **fato interno**, é evidente, mas esta crença não tem, não pode ter outro fundamento senão a própria natureza humana, assim **predisposta e conformada**. Esta crença, que é um dos primeiros raios matinais da consciência, só se explica por si mesma, e em si mesma, isto é, não tem explicação. Só se explica por si mesma, dissemos, porque ela não se firma em fato subjetivo anterior que a determinou, **assim como não é educação religiosa que poderia fazê-la nascer, se ela não pré-existisse**; além de que está hoje demonstrado pela própria ciência natural que **a religiosidade é um dos caracteres essenciais do homem** (Estudos Alemães, pág. 486). Para a sua irresponsável argumentação, o grande polemista colhe apóio em QUATREFAGES (*Histoire Naturelle de l'Homme*). Se há alguma restrição oponível a TOBIAS BARRETO é relativa à expressão — «a crença não se firma em fato anterior que a determine. Há aí manifesto engano ou erro. O **fato anterior** subjetivo é fundamento da crença. Sem anterioridade, não haveria nada. Não se creê naquilo que não existe...

17. AUGUSTE COMTE, como foi exposto, sustentava a **transitoriedade das religiões**. Com impiedosa e infame ironia, censurada por FLAMMARION, não se envergonhou de afirmar que a ciência havia revogado o Pai da Natureza, **reconduzindo-o** a seu lugar, não sem agradecer-lhe os serviços que prestara... Este mesmo AUGUSTE COMTE não se pejou de, na *Politique Positive* e no *Catechisme Positive*, ser pai

drado em princípios. Retomando-se o conceito amplo — **ciência das religiões**, no ponto em que WUNDT parece considerar o que seria **filosofia das religiões**, é claro que um passo largo, larguíssimo se deu ao tema, para o qual convergem adminículos de tôdas as disciplinas do conhecimento. E é lamentável, profundamente lamentável que se não inaugure nos estabelecimentos de ensino cadeira própria para o estudo sistemático dos princípios fundamentais das religiões, não no sentido interno, adequado à teologia de cada uma delas, mas em seus aspectos mais gerais, para a preparação do homem às atividades mais altas do espírito.

4 — Por outro lado, há que distinguir sempre entre **filosofia da religião** e **fenomenologia religiosa**. A distinção é necessária, até sob os rigores do método. Na **fenomenologia religiosa**, o campo é rigorosamente censitário, isto é, o estudo é orientado no sentido de uma catalogação ou exposição de dados ou elementos constitutivos de **fatos religiosos**, não no **modus operandi**, que é o fundo da **liturgia**, mas em tudo quanto a religião se exteriorize ou apareça. Exemplifique-se para esclarecimento: templo, organização, disciplina, peculiaridades religiosas, direção, govêrno. Diga-se em resumo: a fenomenologia religiosa tem perfeita semelhança com a fenomenologia jurídica, e há quem veja, como KELSEN, segundo observação de DUGUIT identidade de método entre a teoria das normas jurídicas e a teologia, considerada esta como sistema de normas religiosas.¹⁸ A filo-

de uma pura criação mental (aqui cabe, como nunca, a designação — **criação mental...**): — a Religião da Humanidade, que não vingou. As criações puramente artificiais são transitórias. As crenças reveladas são permanentes, suscetíveis de modificações **na prática**, através dos tempos.

18. JOACHIN WATCH (*Op. cit.*, 17) escreve: «La recensión de los intentos últimos de definir la tarea del estudio sistemático de la religión se debe a EVA HIRSCHMAN, *Phänomenologie der Religion* (Groninga, 1939, Würtzburg, — Konrad Trietsch, 1940). No empleamos el termino en el sentido de HUSSERL y SCHELER, sino para indicar el estudio sistemático y no histórico de fenómeno como la oración, el sacerdocio, la secta, et. Cf. también ALFRED A. KRAUSKOPE, *Die Religion un die Gemeinschaftsmäschte: Gegenwartsfragen der Religions-sociologie* (Leipzig, B. L. Teubner, 1935).

sofia da religião compreende o que seria a razão de ser dos fatos religiosos. Tanto vale dizer que é uma indagação das causas da crença ou da fé. Sem dúvida alguma, em tal estudo entrariam os subsídios da história, da etnologia, da antropologia, da psicologia e das influências de vária natureza, quer na esfera econômica, quer na referente ao próprio **habitat**. Possível é que se procure, também, dar a determinada religião estudo sistemático, e, assim, seria desenvolvido amplo **sistema de religião**. Tudo não passaria de mero jôgo de palavras, no qual os campos de conhecimento se confundem muitas vêzes. É indiscutível que a análise de todos os elementos constitutivos da religião deverá ser orientada com extremado rigor, em reduções esquemáticas absolutamente certas ou, pelo menos, plausíveis, a fim de que, tomadas em conjunto tôdas as religiões, se possa apurar o que há de comum ou o que se repete, invariavelmente, em tôdas. Via de regra, há um elemento profundamente perturbador no tema da fenomenologia religiosa: é a linguagem, ou, antes, o que seria a **gramática religiosa**, profundamente complexa, desde as manifestações mudas (mímica) até às simbolizações. Estas últimas participam em alto grau na **arte religiosa**. Todavia, não há confundir **arte religiosa**, no sentido pròpriamente dito, com a significação simbólica da representação artística suscetível de exteriorização da fé religiosa. Um anjo de mármore, finamente trabalhado, é uma obra de arte religiosa, mas a sua significação religiosa entra no **pensamento religioso** e contém em si uma definição da fé e, assim, exterioriza, através de um motivo de arte, um ponto certo da **gramática religiosa** ou, antes, **linguagem mística**. Pela mesma forma, o sino de uma igreja, além de sua figuração religiosa, traz em si a linguagem religiosa. Como tôdas as religiões possuem, necessariamente, a sua linguagem específica, há que compará-la com a linguagem de outras religiões. Descobrem-se sempre raízes comuns, que dão seiva a troncos diversos. A dificuldade do tema está no seguinte ponto: aquilo que em determinada fé religiosa é símbolo, através de

uma palavra, pode em outra religião ser traduzida em símbolos materiais.¹⁹

5 — Outras observações seriam úteis. Exigiriam, entretanto, espaço. Melhor será que se busque definição, desde já, para o temário. Já foi exposto em lugar devido o aforisma de BACON — **Religio praecipuum humanae societatis vinculum** (Cap. I, nº 6, do presente livro). Claríssimo que não se procura definição senão dentro do que se considera «situación interna o sentimento subjetivo»²⁰ ou do que o mesmo estimado autor admite como «actitude», segundo a exposição de HEGEL.²¹ Ponha-se de lado o sentido de arte e teor de vida interior do homem, como quer WHITEHEAD,²² definição que está muito aquém da compreensão, e, assim, na condição de conceito ininteligível. A de BACON estaria justa e até admirável no ponto em que a reduziu, com a vantagem de poder ser levada para a esfera da sociologia, segundo as exigências atuais da ciência. Diga-se sem reboços que numerosíssimas são as definições,²³ muitas das quais se orientam sob pontos de vista particulares, quando se não deixam nodoar pelo negativismo feroz dos materialistas, mórmente dos que se acham subjugados pelo marxismo leninista, aliás em contradição com o próprio HEGEL

19. WACH: «Tenemos menester de una fenomenologia de las expresiones de la experiencia religiosa, una «gramatica» del lenguaje religioso baseada sobre un estudio amplio de carácter empírico, fenomenológico y comparado». (Op. cit., pág. 37, com apóio em MAX FERDINAND SCHELER, na sua obra *Vom Ewigen im Menschen* e GEORGE HERBERT MEAD, no trabalho *Mind, Self and Society*, além de *From the Standpoint of a Social Behaviorist*. Este último autor, segundo recorda WACH, fixou a sua teoria nas religiões a respeito do gesto. WACH socorre-se também da análise de HEGEL, que é perfeita (GEORGE WILHELM FRIEDRICH HEGEL, *Vorlesungen über Philosophie der Religion*).

20. WACH, op. cit., pág. 79; idem, pág. 80.

21. *Filosofia della História e Filosofia de la Religión*.

22. In WACH pág. 63, com apóio em *Religion in the Making*.

23. Seria trabalho verdadeiramente enciclopédico a citação das definições. Convém sejam expostas algumas, de acôrdo com a orientação doutrinária, ou filosófica, dos grandes mestres do pensamento. Re-

que afirma existir na religião o **espírito absoluto**. Seria uma fórmula um tanto vaga, cuja compreensão exige ao leitor considerável esforço, nem sempre coroado de êxito. Sejam quais forem as doutrinas e os sistemas, a verdade é que, diante do tremendo mistério, que é a morte e, ainda, em face dos fatos internos, o homem, na constante pesquisa a respeito de seu destino, está contínua e invariavelmente, em tôda a face da

legada para plano secundário a definição de FARIAS BRITO, para quem «a religião é a filosofia mesma em sua função prática (**O Mundo Interior**, pág. 95), dada a manifesta **petição de princípio** de que se acha eivada, tome-se a dos teólogos de grande autoridade. DUBILLARD (**Praelectiones Theologiae Dogmaticae**, pág. 80) passa a definir o termo pela etimologia: «**Religionis etymon, licet, varie a variis explicetur, optimetamen a verbo derivare derivatur**». Expõe a opinião de LACTANCIO: «**Hoc vinculo pietatis obstricti Deo religati sumus.**» (De Inst. Div., 1.IV, c 28). Vale se também da de SANTO AGOSTINHO: «**Uni Deo religat animas nostras, unde religio dicta creditur.**» (**Liber Retract.**, c. 13). Sem referência direta a mestres antigos, expõe, entre rapidíssimos comentários, a de KANT («**religionem esse cognitionem nostrorum officiorum et mandatoru mdivinorum...**»), de FICHT («**religionem in libera et activa agnitione ordinis moralis mundi**»), de SCHELLING («**...religionem reponi in intellectuale agnitione absoluti**») de SCHELEIRNACHER («**...religionem consistere in sensu nostrae absolutae dependentiae...**») e de HEGEL («**...consistere dicit in ipso actu, quo Deus sui conscius est...**»). Prossegue imediatamente em considerações a respeito da **religião natural** e **religião especial**. MAGNAVASCO (**Inst. Theol. Dogmatico-Scholastice**) expõe a definição de LACTANCIO e faz a divisão: **religião natural** e **religião sobrenatural**, a fim de chegar à religião, coerente com seu ponto de vista, como não podia deixar de ser. LESSING, que sempre teve no seu tempo opinião de artista e não de pensador, preocupou-se com o estudo de religião (e com seu nobre pensamento talvez seja o precursor de MAX MÜLLER), dando-lhe sentido pedagógico (ESTÊVAM CRUZ, *op. cit.*, 603). O estimado mestre nacional, após referência a PLATÃO, CÍCERO, SERVIUS, SANTO AGOSTINHO, LACTANCIO, KANT, alude à definição de HÖFFDING («**...sentimento de conservação dos valores do espírito na realidade**») e de GUYAU («**...manifestação sociológica universal de forma mítica...**»). Modernamente, sob fórmulas sintéticas, talvez mais literárias que científicas, surgem numerosas definições. Eis algumas, que dão a medida da compreensão de cada autor: «**A religião é a experiência do sagrado**» (RUDOLF OTTO, **Lo Santo**, ed. espanhola, **Revista do Ocidente**); «**Qualquer experiência de uma pessoa em suas relações com**

terra, não à procura de si próprio, mas o próprio ajustamento às realidades que se lhe apresentam. HERNACK, segundo a advertência de WACH (op. cit.), teve a audácia de dizer que o conhecimento de uma religião conduz o leitor ao conhecimento de TÔDAS as religiões. Deveria, nesse caso, ter oferecido sistema uniforme de verdades últimas e definição única. Se, em verdade, não está o eruditíssimo alemão desajudado de certa

Deus» (BRIGHTSMAN, *Philosophy of Religion*). Os dois autores estão citados na obra de WACH (pág. 35). Exclua-se desde logo o ponto de vista de muitos pensadores e mestres, que procuram reduzir a religião a determinadas manifestações de caráter especial. FUERBACH, por exemplo, ao declarar que a religião é **antropológica**, entende que não passa de manifestação individual, de natureza anímica: o homem se exalta a si mesmo até o infinito e se projeta na personalidade que para si mesmo se criou e, em seguida, pede auxílio ao ser criado por sua imaginação (R. DE LA GRASSERIE e R. KREGLINGER, *Psicologia de las Religiones*). Encerre-se a presente nota com alusão necessária às modernas idéias dos que combatem a religião como «ópio do povo», «fome da ignorância do aglomerado humano» e dos que defendem ainda, à maneira dos escolásticos, a existência da **religião natural**. Basta a este respeito a insuspeita refutação do TOBIAS BARRETO, ao analisar a obra de JULES SIMON (*Estudos alemães*, pág. 481). O materialismo dialético de MARX, seguido pelo comunismo, é extremamente rude e ao mesmo tempo redondamente falso a respeito da **fenomenologia religiosa**. LENINE, espírito obtuso, impermeável às verdades altas, chega a afirmações ôcas: «A religião é um **aspecto** (sic) de opressão espiritual que pesa sobre as massas...» Não se reuniria em tão poucas palavras tanta sandice. Seja como fôr, é espantoso que fale em **espiritualidade** na implícita confissão de que o espiritual existe... Não menos caviloso nas afirmações é FUERBACH. Entende que o homem **cria** o **numen** e depois lhe pede socorro... Se não se trata de ironia, um tanto voltairiana, não se afigura muito acertado conceito do mestre. Não se capacitou o sábio de que a criação da entidade pressupõe necessariamente a existência de um **poder de criar**, e que êsse poder se acha, desde a alta antiguidade, produzindo o mesmo ente, a mesma figura misteriosa? Se uniformemente os bilhões, os trilhões de criaturas vão em cada século **criando** a imagem perfeitamente una, inteiriça, dotada de um poder extraordinário, não estará nisso uma estranha lei? Por que os homens não variariam nessa criação? A verdade é que o conceito de FUERBACH está na categoria do sarcasmo, que, afinal de contas, redundaria na confissão de que os homens, pela uniformidade com que criam o ser abstrato, estão impondo uma ordem ou um teor de fato, digno de nota.

procedência na sua afirmativa, nem por êsse motivo fugiria à censura do exagêro. Ê que expressão — tôdas as religiões — contém generalidade, e a generalidade nem sempre pode oferecer margem para identidade. O que se percebe no presente tema é que é, por natureza, extremamente polêmico. Ao expor as opiniões mais conhecidas ou admissíveis pelos mestres, o presente livro estudará aquela que corresponda à **função do mundo visível** em correspondência direta com o **mundo invisível**, na posição de comércio divino, pelo qual o homem se sente **devedor** diante do **credor eterno**. Antes de ser **animal gregale**, segundo velho conceito de ARISTÓTELES, já estaria, é certo, preocupado com os problemas do além, através da impressão profunda que sempre lhe despertariam os fenômenos da morte. Ficaria inalteravelmente **homo religiosus**. Tem necessidade de se unir ao grupo, mas não o procura no sentido **tuitivo**, que supera o sentido **social**. Procura o grupo, impellido por uma fôrça a que não pode nem poderia opor a mínima resistência. Muito mais do que a necessidade de defesa de si próprio, a união com o grupo daria, em direito, o aparecimento do Estado, destinado a garantir ao indivíduo o bem estar em sentido amplo. Mas o vínculo com o grupo não se completa nesse aspecto. Ê a satisfação da **fome do mistério**, como exigência interna, e a procura do **sagrado** traria, como sempre trouxe, a solução fundamental. Ninguém foge a uma explicação de si mesmo. O próprio homem de negócios, metalizado pela sêde do ouro, o cético, o materialista puro, todos invariavelmente sentem, em determinadas circunstâncias, a presença do mistério, prestando-lhe a homenagem desesperada de reconhecimento, através do **mêdo**.

6 — A noção inata de responsabilidade, assumida por tôdas as formas, até pelo **pavor**, recurso inútil a que se apegam muitos, é o formal desmentido das soluções da psicanálise em relação aos problemas da crença religiosa. Se a definição decorrente da responsabilidade do homem não é suficiente para o desate dos problemas de religião, ver-se-á, através de rápidas linhas, que a solução psicanalítica é, sem exagêro, falha. FREUD entende que a religião é a **grande neurose obsessiva**,

derivada do instinto sexual, e nisso é vantajosamente contrariado por JUNG e os discípulos dêste. JUNG, ao tomar o tema — **religião**, abordou-o superficialmente através de excusas.²⁴ Entretanto, por suas próprias palavras percebe-se a fuga direta do assunto. Ficou na posição de médico, diante do que considera **neurose** e, puramente, na posição de terapeuta, procura remover a **neurose**, sem se dar conta de que a causa da **neurose** encontra o largo estuário das atitudes anteriores. Se uma **atitude** se acha deturpada por fatores diversos que a modificam, a remoção de tais fatores restabelece a atitude anterior. O **processo** pelo qual se deu a superposição da atitude posterior é que é o mistério. Ora, é indispensável que se estude a todo o rigor a atitude posterior (personalidade superposta) para isolá-la. O **quid** está exatamente no **motivo por que** aparecem as personalidades modificadoras da personalidade anterior. JUNG perturba-se extraordinariamente em face da própria interpretação que procura dar a um sonho de cliente seu, que apresentava uma sucessão de símbolos, côres, etc. O grande mestre, após muitas pesquisas de fenômenos

24. JUNG (*Psicologia y Religión*, Ed. Paidós, Buenos Aires, pág. 25)». Entiendo que la religión es una **actitud especial** del espíritu humano, la que, de acuerdo con el empleo primitivo del concepto «religión», podemos calificar de **consideración** y **observancias** solícitas de ciertos factores dinámicos concebidos como «potencias» (espíritus, demonios, dioses, ideas, ideales o cualquiera fuera la designación que el hombre ha dado a dichos factores) que, dentro de su mundo, la experiencia le ha presentado como suficientemente poderosos, peligrosos e útiles para tomarlos en respetuosa consideración; o lo suficientemente grandes, bellos y razonables para adorarlos piadosamente y amarlos.» Prosegue o eminente autor com uma definição: «Las confesiones son formas condicadas y dogmatizadas de experiencias religiosas primitivas.» Este ponto de vista é semelhante à de SCHOLZ, lembrado, aliás, pelo próprio JUNG, e de LEVY-BRUHL (*Las Funciones Mentales en las Sociedades Inferiores*, ed. Lautaro, Buenos Aires), dentro da chamada **lei da participação**. A psicanálise não desce a fundo a respeito das causas. Inclua-se um exemplo que, segundo parece, nunca teve explicação psicanalítica. Tal é o da seguinte pergunta: «Por que, desde a alta antiguidade, o homem tem **nome**, com que se identifica diante do próximo? Nome é um **fato**? Seria uma **atitude**? Por que motivo o ho-

psicológicos paralelos em autores antigos, confessa o que seria uma feliz coincidência: encontrar em três poemas de antigo prior do mosteiro e poeta normando Guillaume Digullevile do século XIV (entre os anos de 1330 e 1335) pontos de contacto entre os motivos do sonho de seus pacientes e as imagens ou símbolos do referido poeta. Após extensa análise, na qual expõe o vasto cabedal de suas leituras em antigos alquimistas, chega a uma conclusão que, em resumo, é um libelo contra a psicanálise. Afirmando que seus clientes jamais poderiam ter recebido informações de antigas teorias e crenças, supõe certa condição inconsciente como um «a priori» herdado! E oferece ainda, como base para a **suposição**, a existência de uma herança de representações, «cuja demonstración, si no enteramente imposible, seria muy dificil.» E agrava ainda a confissão: «Supongo mas bien que la **propriedad heredada** es algo si como la posibilidad formal de volver a producir las mismas ideas o, al menos, parecidas.» A esta posibilidad la he chamado «arque-

mem tem pavor da morte? O notável psicanalista tem grande embaraço diante do seguinte caso clínico: X, por **fatôres religiosos, exacerbados ao extremo**, toma personalidade diversas. Pela manhã, entende que é P ...; ao meio dia, modifica-se-lhe inteiramente a **psychê**, e passa a chamar-se por L...; e à tarde, já não é P... nem L... Chama-se J. Ao deitar-se, recobra a personalidade primitiva X. No dia seguinte passa pelas três personalidades, em mutações sincronizadas. O psicanalista consegue a dissociação das personalidades e faz ressurgir a personalidade primitiva. Está definitivamente curado o estranho doente. X é X mesmo. Mas a chave do problema ficou atirada ao oceano do mistério: Por que X passou a ser P., a L e a J.? Nomes e mais nomes. Por que o homem se nomeia a si próprio? Será o **nome uma criação mental**, um costume através de séculos, petrificado como **mito, neurose, mania**? Faça-se, entretanto, justiça a JUNG. Embaraça-se nas chamadas **idéias primitivas**, nos arquétipos e confessa que a teoria das idéias primitivas não é sua, dada a existência de quem, anteriormente, haja cuidado das chamadas «categorias», «hábitos diretores da consciência» (Op. cit., pág. 89). Se JUNG, com tóda a sua notável acuidade, procura, de maneira clara, a explicação do fenômeno, socorrendo-se de **idéias primitivas** ou arquétipos, introduz no tablado do debate vasto material de pesquisas, através de absoluta indeterminação. Se existem **arquétipos**, onde ficam eles? Como se conservam? Que identidade apresentam pela forma?

tipo».²⁵ Tanto vale dizer que seus clientes reviveram nos sonhos uma quadra anterior longínqua, afastada de séculos. Onde, pois, ficara a **neurose** que FREUD daria às religiões, diante das representações de símbolos e crenças antigas? Como explicaria JUNG a **propriedad heredada** a que alude? Não fôra melhor proclamar a tese da anterioridade do espírito ou das vidas anteriores, e das quais teriam ficado vestígios na imaginação do doente? Em rigor, a psicanálise, que afagava o plano de destruir a religião, caiu em descrédito, e busca, como tábua de salvação, explicar os fatos através de **heranças**, de representações transmitidas, de arquétipos. . .

7 — O homem tem impulsos irreprímíveis para a **numenidade**.²⁶ BOUTROUX, com a competência de sempre, após analisar algumas doutrinas contemporâneas em relação à ciência e à religião em face da filosofia, expõe conclusões que lhe parecem exatas.²⁷ Considerou os fenômenos religiosos²⁸ como dados para a sistematização filosófica, pelo menos no que concerne à fixação dos chamados **dogmas**. Para o eminente pensador francês, o conhecimento religioso, que tem por objeto, **não o que é, mas o que deve ser**, não pode determinar-se pelos

25. JUNG (Op cit., pág. 166).

26. A palavra — **numenidade** — neologismo, formado pela palavra latina — **numen**) designa um poder eterno, força misteriosa, exercida de cima para baixo, encontrada em tôdas as religiões. Difere, substancialmente, de **divindade**, que convém exclusivamente a Deus. **Numenidade** tem a sua referência a gênios, espíritos, entes dotados de poderes extraordinários, mas infinitamente inferiores aos poderes da **divindade**. JUNG (Op. cit., pág. 24) vale-se da palavra **numinoso**: «...es, la propiedad de un objeto visible, o el influjo de presencia invisible, que producen un especial modificación de la conciencia». ARCHIBALD ALLAN BOWMAN (Studies in the Philosophy of Religion) usou a palavra **numinoso**. Preferível é **numenidade**, mais apropriada à significação que se quer dar às forças invisíveis.

27. ÉMILE BOUTROUX Science et Réligion dans la Philosophie Contemporânea, Ed. Ernest Flammarion, Paris, 1932, pág. 275.

28. Ao leitor caberá considerar a palavra — **fenômeno** — no sentido usual em filosofia, e não no significado pròpriamente religioso de fato extraordinário, fora do comum, singular, na rubrica de milagre ou manifestação de ordem superior.

meios científicos. Com o respeito que se deve ao brilhante analista, não será apenas censurável a proclamação que se formule contra o seu equívoco realmente lamentável. É logomaquia a afirmação de que «a religião tem por objeto o que não é, mas o que deve ser».²⁹ É o próprio escritor francês que se conduz a uma contradição bem clara. Se a religião, independentemente de seu valor prático, oferece uma significação simbólica, da qual a razão se vale para uma orientação, v. g., em moral prática, possui necessariamente um verdadeiro e legítimo conteúdo intelectual. Se tem um conteúdo, não poderá ser malbaratado ao extremo da afirmação seguinte: «o conhecimento religioso visa o que não é, mas o que deve ser». Quem chega a afirmar a existência de **verdadeiro e legítimo conteúdo intelectual** é o próprio BOUTROUX (*un véritable et légitime contenu intellectuel*. pág. 386). Sem muito esforço de dialética, chegase a uma conciliação mais ampla. A linguagem falada, ou escrita, a mímica, etc., contêm idéia. Os irmãos DARMESTETER, filólogos notáveis, não iriam sustentar a tese da vida das palavras, se para isso não tivessem **dados concretos**. Nem CHAMPOLION encontraria a chave dos hieroglifos, sem base objetiva. Que há de mais concreto, mais objetivo do que as

29. A ciência em geral estuda fatos existentes. Que fato mais real, mais visível que a mímica religiosa? A fenomenologia religiosa compreende uma série infindável de fatos de natureza subjetiva. BOUTROUX repete o erro de WILLIAM JAMES, que se limitou a estudar fatos subjetivos, sem a consideração deles através da representação objetiva. O tema alcança na atualidade extensão considerável, mórmente como reação total **ante a vida**, na condição de energia, segundo MAC MURRAY (*The Structure of Experience Religious*) ou GEORGE SIMMEL. Um movimento de fundo religioso (rebeliões, guerras santas, reformas, etc.), se interessa por um lado à sociologia da religião, não deixa de ser consequência de fato religioso. Tôda manifestação, como fato concreto, vai dos limites do subjetivo para o objetivo, e o estudo das manifestações uniformes oferece campo vasto para a construção da teoria. O estudo de práticas religiosas, de formas de expressão, etc. não se situa preferentemente no subjetivismo puro (Consulte-se WACH, *op. cit.*, pág. 40). Em rigor, e como argumento último, a resposta está na considerável e cachoeirante literatura a respeito de religião, sôbre todos os aspectos.

construções em atos vividos? Seria absurda a tese de que não há nêles a manifestação subjetiva. Mas o equívoco do eminente pensador francês não é total no ponto discutido. Seu engano está na consideração em que toma a palavra **dogma**, a que dá um sentido que lhe parece lei. Considera o fundamento do dogma como elemento integrante de tôda religião real. Pelo conceito do autorizado pensador, a lei está para a **ciência** assim como o **dogma** está para a **religião**.³⁰ Se BOUTROUX é exclusivista em sentido subjetivo, já WHITEHEAD foi além, cometendo o êrro de uma afirmativa extremamente restritiva e personalíssima: «a religião é a arte e teoria da vida interior do homem». O êrro tem endôso de WILLIAM JAMES, para quem a religião seria «atividade individual do homem na sua solidão». Ora, a atividade é intensa, intensíssima, ocupando integralmente o pensamento do homem, atirado ao mundo das relações. Os princípios, em sentido particular, em cada religião, estão constituídos de preceitos ou mandamentos. Convêm à teologia. Todavia, para a ciência das religiões, os dogmas não são examinados em sua verdade ou sua procedência. São tidos como **fatos**. Se a média dos dogmas, no quadro geral das religiões, tem a fôrça de corresponder à categoria de **fato uniforme**, cabe ao cientista tomá-los como lei de natureza científica. Há que distinguir, pois, entre lei e dogma.³¹ Rigosamente, se BOUTROUX deseja levar para a ciência das religiões o significado da palavra **dogma**, no sentido de lei, estará

30. BOUTROUX. *Op. cit.*, pág. 283 e seg.

31. A palavra — **dogma**, quer sob o ponto de vista religioso, quer dentro do sentido filosófico, tem compreensão própria. Em geral, poderia compreender preceitos fundamentais das religiões. Declaradamente, quer em documentos antigos, quer modernos, dogma convêm à Religião Católica Apostólica Romana. Daí a afirmação já universalmente aceita de que fora da Igreja Católica o dogma não existe. Tanto vale dizer que, especificamente, o termo é inerente à própria Igreja Católica. Entre as religiões de tipo — **reveladas**, sômente a Igreja Católica sustenta artigos ou proposições de fé. A diferença entre lei e **dogma**, para o caso, é fundamental. A lei é um enunciado que não está revestido de fôrça apodítica imutável. Um princípio científico, devidamente afirmado em termos que afastem enganos, tem a sua **duração**

apreciando a matéria sob o ângulo científico. Ainda assim, seria compreensão incorreta, visto como o significado de lei em ciência não é nem poderia ser o de dogma.

8 — Óbvio seria dizer que não há, nas presentes linhas, pretensão de contrariar o pensamento de mestres, entre os quais, com alturas de autoridade alta, se inclui BOUTROUX. A questão seria, no fundo, eminentemente terminológica. No tocante ao que se diz a respeito de **ciência**, valham as considerações expendidas no Capítulo I, nota 2, do número 6, do presente livro. Repita-se em consonância com o que foi exposto. Ciência é conhecimento. Ora, nada mais flutuante, vário ou infixo do que o conhecimento. Negá-lo seria ridicularia chaníssima. Dentro do rigor da palavra, à luz dos fatos

mais ou menos variável. O dogma, não. Doutrina revelada, exposta em termos solenes, não poderá jamais perder a força de seu conteúdo. KANT, na **Crítica da Razão Pura**, estuda o problema do **dogma**. Em contraposição a **mathema**, que seria na antiguidade segrêdo, arcano, ensino de privilegiados para privilegiados, o **dogma** é afirmação solene, definição inarredável da verdade. A lei poderá sofrer o impacto de novas descobertas ou situações até então desconhecidas. O dogma é o enunciado supremo da verdade religiosa em antecipações da própria ciência. Não se deve confundir o **conceito** com **opinião** ou **parecer**, segundo a linguagem de CÍCERO. Em filosofia, sempre existiu a chamada proposição evidente por si própria e, assim, insuscetível de qualquer demonstração: é o **axioma**. Para a admissão do axioma, impõe-se necessariamente a imediata adesão da razão. Para o dogma, não há a colaboração da razão. Prescinde dela, porque se acha acima dela em grau infinito. Daí o engano de BOUTROUX na sustentação de conceito totalmente diverso do tema imemorialmente conhecido. Insurge-se o grande mestre contra o dogma, invocando a **razão teórica**, expressamente contrária a proposições que se não demonstram (**Op. cit.**, pág. 283). Condena que se consagre o método de autoridade para a admissão de enunciados, e invoca repetidamente o que seria ciência moderna... É preciso se acentue que a **religião**, exatamente, porque é a suprema definição do destino do homem, se funda em verdades últimas, totais, inultrapassáveis, aceitas, não pelo espírito analítico dos homens, mas pela adesão misteriosa deles, movidos por uma intuição profunda, que é a fé. E aqui se implanta o que seria uma razão mística, um total desapêgo do homem em relação à inferioridade em que se encontra para entrar na esfera das forças inteiramente desconhecidas da ciência.

históricos, seria puerilidade admitir como expressão perfeita e acabada do conhecimento a ciência contemporânea. Basta o deconcertante e até desnorteador exemplo da física de nosso tempo, revolucionada em suas bases pela desintegração do átomo. Aliás, bom é se diga que não há leis científicas imutáveis. Não as houve, nunca. Dá-se, entretanto, inegável contraste entre a fenomenologia religiosa e a ciência em seus diversos setores. Enquanto a fenomenologia religiosa apresenta qualquer coisa de superior à ciência propriamente dita, esta oferece teses que variam de época em época. Não será vaidade ou soberbia a afirmação de que a religião em sentido puro, como conteúdo de verdades primeiras, apodíticas, supera em muito, e, por vêzes, em extensão que raia pelo infinito, aos preceitos científicos. O velho conceito — **religião e ciência** caminham juntos na perseguição dos mesmos fins — é afirmação gratuita, anódina, espécie de concessão ou transigência singela, breve, ao ponto de vista dos que creem na imutabilidade da ciência. Se se diz (e diz-se muito bem) que a ciência é variável, infixa, flutuante, virá também a contrariedade desdenhosa para a religião. A fim de que se oponha com vantagem ao conhecimento comum, deverá a religião reunir requisitos de imutabilidade e, conseqüentemente, de eternidade. Aqui, há uma objeção preliminar que encontra facilíma resposta. O mundo visível é uma **função uniforme**. Pela função vislumbra-se necessariamente o **órgão**. Ora, é inegável que o órgão, para ter função, exige fôrça motriz, energia inteiramente desconhecida. Um passo a mais, percebe-se que a **direção da energia** não está em nós. Que fazemos? Buscamos compreender que a **direção da fôrça**, estando fora de nós, exercerá domínio completo sôbre nós. Estamos assim inapelavelmente subjugados por uma fôrça, **que vem para nós**, e a essa fôrça prestamos obediência dentro de disciplina que não é criação nossa. Percebemos que somos governados. Eis aí a ciência que temos do **mistério que nos governa**, ao qual a nossa imaginação empresta, entre símbolos, a condição do **sagrado**. Esta ciência por assim dizer superior, transcendental, está assentada em princípios eternos, imutáveis, porque é ela uma verdade intuitiva, profunda, axiomática, sem contraste no tempo e no

espaço: jamais ficamos sem o govêrno que sôbre nós o mistério da energia exerce. Não é isso pròpriamente um cânon, uma teoria, uma convenção, mas uma lei, e lei suprema, conhecida desde tempos imemoráveis. Nem mesmo a doutrina antropológica de muitos, constante da tese de que «o homem criou a Deus por si próprio, sujeitando-se-lhe ao domínio imediatamente» — satisfaria à razão. É que, se fôsse criar Deus, evidentemente estaria a tirá-lo de si próprio, da profundeza de seu próprio ser, e assim estaria extraindo o que já existia em si próprio. Além de tudo, a simples criação do **mesmo ente, sempre uniforme, em todos os homens**, seria antes a descoberta da fôrça que existe em cada ser humano, dominando-o sem restrições. Por outro lado, a tese do **homo religiosus** nunca sofreu descaída, muito embora sob engano haja DARWIN afirmado a existência de conglomerado humano sem religião.³²

9 — Para a fixação das leis gerais ou princípios fundamentais da fenomenologia religiosa, ou antes da «Terra como função do **mundo invisível**, há que buscar, entre as manifestações superiores do **sagrado**, as que possuem o sêlo da representação das religiões puras, tomada a expressão no sentido das que se tornaram ilustres. As religiões existentes na Terra são manifestações do sagrado, do numinoso, ou da numenidade. Mas é preciso se compreenda que há um sentido de **religião**

32. DARWIN, segundo se sabe, em suas duas viagens à Terra do Fogo, encontrara conglomerado humano, reduzido ao extremo de concepções mentais. O célebre cientista teria verificado (à sua maneira, é claro) que os fuegianos não tinham religião e, assim, não apresentavam o mínimo resquício de idéia religiosa. A afirmação do cientista poria por terra as observações de mestres antigos. Diante das conclusões do naturalista inglês, estariam desmoronadas as construções intelectuais a respeito de religião. Está hoje definitivamente destruída a afirmação de DARWIN. Em primeiro lugar, o afamado cientista não estudou a fundo a língua dos índios Yamanas, da Terra do Fogo, nem lhes buscou a formação mental primitiva, como faria LEVY BRUHL. Uma comissão do Congresso Etnológico de Viena, composta dos cientistas MARTIN GUSINDE e WILHELM KOPFFERS, estudou minuciosamente a vida e os hábitos dos fuegianos, verificando que a sua formação religiosa, embora primitivista, acusava a presença de um Deus.

pura, que se integra no mundo **invisível**, no **Eterno**, ou no espírito absoluto, segundo a fórmula de **HEGEL**. Impossível será ao homem desvendar o **quid** das manifestações emanadas do espírito absoluto. Aquilo que convém a êste seria o **inultrapassável**, correspondendo a uma espécie de **molde eterno**, **modelo supremo**, suscetível de se ajustar ao conteúdo da religião pura, em seus dados essenciais, destituídos ou despojados de representações, para só constituir a **vontade** do espírito absoluto. Ora, essa **vontade**, na Terra, para a sua misteriosa interferência, se vale de instrumentos adequados. As manifestações da vontade do espírito absoluto são, como não podiam de ser, as religiões, e **religiões realizadas**, como **veículos** ou **caminhos** da vontade. De modo geral, o **espírito absoluto** seria entendido pelo que se denomina **religião pura**. Desnecessário será desenvolvimento maior para o tema. Entretanto, convém acentuar que **religião pura**, extremada a pontos de proximidade com o absoluto, somente existe no sistema de relações mais ou menos variáveis entre os conglomerados humanos. E repise-se, mais uma vez, que religião pura será sempre a que se não encontre impregnada de palavras de homens ou doutrinas de homens, sempre tendentes a artificialismo efêmeros. Por outro lado, a velha divisão — **religião revelada** e **religião natural** — não tem acolhida na atualidade. O conceito — **religião natural** (**ecclesia naturalis**, de que falavam antigos doutores de **direito eclesiástico**,³³) não tem, à luz dos estudos modernos, correspondência, nem com os fatos, que traduzem a essência do **espírito absoluto**, nem dentro das próprias letras sagradas da religião mais alta e pura que existe na Terra. Seria como se dissesse também **direito natural**. Não será desaconselhável a advertência de que há religiões inferiores, e, conseqüentemente, as há superiores. É claro que ao analista caberá ao dever de estudar as religiões superiores, para conclusões mais aproximadas da verdade. Muitos são os sistemas, fundados em critérios vários.

33. A. E. HOLT. *The Sources and Methods of the Sociology of Religion*, citado por LUTHER LEE BERNARD (*The Fiefs and the Methods of Sociology*, (in WACH, op. cit., pág. 65, nota 1).

Adote-se, sem reboços o de um eminente analista, que se apresenta aos estudiosos, sob crivo próprio, muito exato e dentro de aspectos lógicos irrespondíveis — HOLT.³⁴ Admite cinco pontos imutáveis, caracterizadores de religião alta: 1º) história ou origem; 2º) corpo organizado; 3º) estrutura; 4º) liturgia ou culto; 5º) finalidade. A descrição das características exige desenvolvimento amplo, o qual, sem dúvida, iria transcender os limites dos presentes estudos, mórmente em relação à história ou origem. Entre as religiões de tipo carismático, tem extraordinário relêvo o Cristianismo, que compreende em altíssimo grau a fenomenologia religiosa por excelência. Sua história, seu corpo, estrutura, liturgia e fins, tudo nêle atinge o inimaginável, tal é a grandeza por assim dizer maravilhosa e por isso mesmo inultrapassável de seu conteúdo. Reflete em tudo e por meios admiráveis o espírito absoluto, a religião pura, a que se acha na vontade do Eterno. Note-se o emprêgo do verbo refletir. O Cristianismo em todos os sentidos é a forma, ou expressão religiosa que se integrou na lei suprema. Insista-se no ponto, através de compreensão da verdade, conquistada através de lutas inúmeras. Limpar muito bem a eira (... *permundabit aream suam*... MATTH., III, 12) daria a entender que os séculos do mosaismo deixaram os homens mergulhados em religiosismo inteiramente destituídos dos traços da religião pura. O Cristianismo em sua pureza é o pensamento do Eterno.

34. Em *Matheus*, cap. V, 17, há menção da palavra de CRISTO, referente à lei (*Nollite putare quoniam veni solvere legem*) A lei ficou mantida. Que lei será essa? A mosáica? Eis as perguntas que provocaram e provocam ainda, intermináveis discussões. No mosaismo, há várias disposições contrariadas pela palavra de JESUS. Dois são os casos de extraordinária importância. Moisés permitiu o divórcio por alguma fealdade na mulher. CRISTO condenou veementemente a velha prática. Moisés tolerava e até estimulava a morte aos inimigos. CRISTO repudiou a velha prática. Foi, ao invés, muito além: determinou que os próprios inimigos fôsem amados. A lei, a que alude CRISTO, é a da Vontade Divina, que deve ser cumprida assim na Terra como no Céu. Em termos diretos: é a religião do amor, tomado o termo no sentido alto, entre as virtudes perfeitas (*carismata meliora*), dentro da súpula: *Amai-vos uns aos outros*.

Está alcançando a universidade, segundo a fórmula da prédica imortal: ...**unum ovile, et unus pastor**;³⁵ porque as ovelhas de outro aprisco (**et alias oves habeo, quae non sunt ex hoc ovili**) estão chegando aos poucos. Tomado, como se deve tomar, o Cristianismo na categoria suprema, não se dirá que as demais religiões, algumas de cunho universal, sejam desprezíveis ou indignas de análise. As ovelhas, que são de outro aprisco (**alias oves habeo**), serão conduzidas ao aprisco eterno. Sob êsse aspecto, a palavra de CRISTO é a maravilha da previsão da concórdia das massas humanas, sem exclusivismos quaisquer, mórmente entre **religiões naturais** (expressão obsoleta, sem significação alguma,³⁶ sem base nos fatos da fenomenologia religiosa), compreendendo o fundo de uma verdade — a necessidade de religião, que exatamente por invocar a entidade suprema, dotado de poder infinito, será sempre útil, pela riqueza da bondade.³⁷ Aos analistas das religiões in-

35. JOAN., X, 16. CRISTO deixa na Sua imortal palavra, no grau puro, o sentido universal de Sua prédica. Pelos mistérios da previsão, preconiza a religião ecumênica, e a instala pelas verdades últimas. Abrangendo em traços profundos todo o sistema de fraternidade pura, superou a todos os filósofos e superará sempre o espírito de destruição. Acima dos cientistas, criou em palavras rápidas um sistema inultrapassado, em que além da concórdia humana, impera o sentimento de justiça. O sentido social da vida, em tôdas as suas participações, compreenderia a ordem, a harmonia, a paz, em suma.

36. TOBIAS BARRETO (*Estudos alemães*, pág. 48) condena a tese dos que admitem a **religião natural**, de que foi pregoeiro JULES SIMON. O pensador brasileiro repele VACHEROT, que quis, em construção metafísica, dar impulso a um neo-espiritualismo. Cheio de falhas, não passou de mero reflexo de velhos conceitos religiosos, modificados em vários pontos, sob o combate de GRATTRY. Em rigor, se houvera possibilidade de existir **religião natural**, seria ela um complemento da natureza, ou guardaria aspectos de leis naturais e, assim, dentro de inevitáveis manifestações psíquicas. Entretanto, ligar os fatos a leis biológicas, importaria em admitir uma fisiologia do pensamento...

37. MÜLLER e HARNÄCK não foram infensos ao fundo de tôdas as religiões (à exceção das fetichistas) no que toca às exigências da caridade ou do amor do próximo. DEMÓSTHENES MARTINS DE OLIVEIRA (*Evangelho de Uma Vida*, pág. 147, ed. do autor), admitiu

cumbe, para a perfeita caracteriologia da religião alta, adotar, com segurança absoluta, método que lhe propicie cuidadosa seleção até chegar ao nível de dados comuns que valham ao mesmo tempo como base para conclusões mais ou menos fixas. Ponto de aferição ou paradigma, é fóra de dúvida que o Cristianismo oferece largo, larguíssimo lastro de elementos, pelas quais se possa admitir representação completa, de dados de fenomenologia religiosa. E é exatamente na escolha dos dados que se poderá assentar o máximo de expressão confessional, excluídos, — é claro —, os elementos de caracterização, os quais, sôbre causarem deformação do temário, não passam de puras criações de homens ou de assembléias dominadas pela vontade do homem.

10 — Se admitido fôr que tôdas as religiões contêm um fundo de bondade e, nesse caráter, não podem ser desprezadas na sua manifestação fenomenológica (e tal conceito encontra apoio em tôdas as cartas políticas modernas, com a culminância precisa na **Declaração dos Direitos do Homem**), convém agora se apure o que de comum existe em tôdas. Evidentemente (aqui vai a palavra no sentido de lógica pura), se tôdas apresentam pontos de contacto, estarão oferecendo ao analista preliminarmente um conjunto de **princípios invariáveis**, uniformes, com os quais se formaria a base comum em que se edificaria a verdade maior. Os **princípios invariáveis**, pela sua constância, dariam, não há negar, substância à religião pura, em tese, ou, pelos menos, como no Direito, seriam forma pura, pre-existente, ou, ainda, aquêle **ser**, que no mundo das normas seria **dever ser**, segundo a fórmula de KELSEN. Os **princípios invariáveis-inconstantes**, ou **indefinidos**, se, em determinadas circunstâncias ou aspectos, não oferecem a caracteriologia religiosa mais ou menos comum, deixam, naturalmente, o problema com alguma solução. Ao lado dos **princípios invariáveis, constantes** e dos **dados invariáveis, inconstantes**, existe

a fórmula, preconizada pelo pastor protestante Mr. LERMAN. Inútil a defesa do lema, que corresponde à prédica imortal, a respeito da existência de ovelhas de outro aprisco.

a vasta soma de **princípios variáveis**, na sua imensa maioria atinentes a questões de forma, mórmente em matéria de culto. É claro que os princípios invariáveis, quer constantes, quer inconstantes, não se **situam** na vontade do homem, ou, antes, não tem a mínima relação de dependência em termos de domínio ou predomínio da vontade humana. Acentue-se novamente com o exemplo de KELSEN em relação ao Direito, guardam anterioridade ao próprio conhecimento humano, ou, em termos diretos, porque pre-existem, virá o homem pensá-los invariavelmente pela mesma forma, sem lhes tirar nem acrescentar coisa alguma. Já os **princípios variáveis** conservam certa relatividade na sua formação, dependendo em regra da vontade humana. Demonstram-no os fatos cotidianos. Surgem e desaparecem. Se apresentam, por vêzes, certa duração, que lhes conferem a aparência de princípio invariável, é por que se transformam, ou guardam certa continuidade de conteúdo, mascarada em fórmulas ou moldes puramente temporais. Os princípios invariáveis, exatamente porque são invariáveis, revelam sob várias formas, mórmente na linguagem, tôda a profundidade do fato religioso. Trazem por assim dizer o sêlo, a marca da revelação uniformemente conhecida.

11 — Tente-se o esbôço dos **princípios fundamentais invariáveis**. Dois são de extraordinária grandeza: a) crença no Ser Eterno, diretor do mundo, quer visível, quer invisível; e b) crença no espírito, ser dotado de substância impensável, isto é, natureza inexplicável. Melhor seria que os **princípios fundamentais invariáveis** tivessem designação ampla — **princípios supremos** ou **fontes supremas**. A crença em Deus e no espírito, ao lado dos dados ou princípios variáveis fundamentais, constitui a **dinâmica religiosa**. Essa afirmação não seria nem poderia ser gratuita. Não se poderia compreender idéia religiosa que se não apoiasse no que seria atividade do Ser Eterno. Claro que, para o exercício da **atividade divina**, em todo o esplendor de seu mistério, há necessariamente **campo**, emanado do Ser Eterno, e que seria a **espiritualidade**. Assim como o Direito, para que realmente pudesse existir, como **dever ser**, tem necessariamente necessidade de **campo**, que é **humanidade**.

Os princípios **variáveis fundamentais** abrangem a responsabilidade do espírito, definida de maneira própria em cada religião.

12 — Se há **dinâmica religiosa**, impõe-se a presença de **estática religiosa**. A ação do mundo invisível exige imediatamente a base sôbre que irá incidir, e a base passará a ser **função**. Em geral, toma-se a Terra em entidade específica, no seu plano próprio. Se, como se admite, com todos os visos de verdade, a existência de mundos habitados,³⁸ indissimulavelmente predominará a analogia de relação entre tais mundos e a espiritualidade. Tanto vale dizer que, assim como existe relação entre a Terra e a espiritualidade, existe considerável série de mundos que guardam a mesma relação, ou, pelo menos, certas similitudes de relação das da espécie da Terra. Particulariza-se, entretanto, o sistema para a Terra. A **ciência de religião** que abrange os fatos da Terra, ou do mundo visível, biparte-se em planos rigorosamente exatos, isto é, em **dinâmica** e **estática religiosa**. A **dinâmica religiosa** versa tudo quanto se acha em relação com o mundo invisível, e a **estática religiosa** abrange tudo quanto se percebe, concretamente, em matéria de crença, no plano terrestre. A **dinâmica religiosa** é a força atuante, e a **estática religiosa**, o suporte material da força atuante. Pelo quadro exposto no presente capítulo,³⁹ a matéria está, com a amplitude necessária, colocada em seus pontos essenciais. Em rigor, sem muita esquematização, cumpre insistir no tema, que é, para a fenomenologia religiosa, o da relação ampla, largamente conhecida pela designação universal — **oração**. Oportunamente, com o desenvolvimento próprio, será discutida a matéria. O que, entretanto, pode ser aclarado, desde já, é que a **oração**, de que se trata, não é pròpriamente

38. A teoria dos **mundos habitados** é hoje tema de pesquisas da ciência, embora passe pelo crivo da ironia. FLAMMARION foi ardente pregoeiro da habitabilidade dos corpos celestes, tendo escrito livro que causou entusiasmo enorme. O sentido de consôlo viria, para a alma insofrida, pela certeza da imortalidade. A Igreja Católica nunca se definiu categòricamente a respeito da pluraridade dos mundos habitados.

39. Recorde-se que os presentes estudos são o capítulo final do Tomo Primeiro, Primeira Parte do livro — **Catenalismo**.

a linguagem da súplica. Marcadamente mais alto é o conteúdo do tema, dentro do sentido de comunhão, ou segundo o termo de que se cogitou em capítulos anteriores — **presença**. Aqui há necessariamente profundidade, pela mesma forma com que se verifica no Direito. O restabelecimento dêste, quando violado, é feito através de processo, em que o titular **pede** a reparação, e o **pedido** não é senão a fórmula de **vincular** de alto a baixo e de baixo para cima a relação.⁴⁰

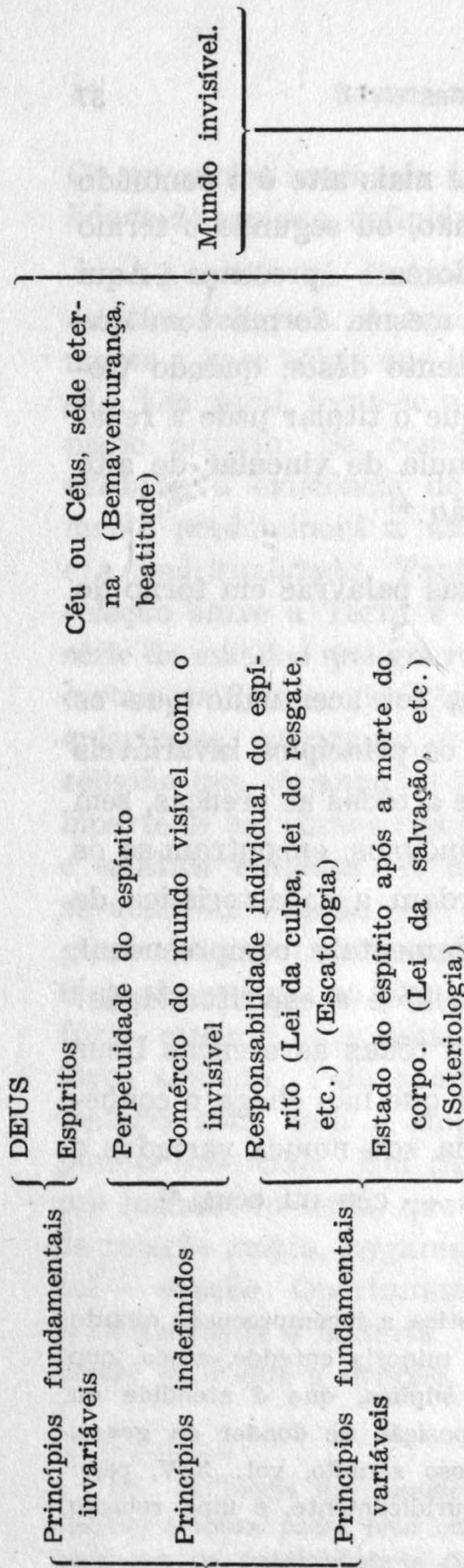
12 — Urge sejam expostas algumas palavras em torno do quadro geral da **ciência da religião**.

No tocante à dinâmica religiosa, foi acentuado que os **princípios invariáveis fundamentais** e os **princípios invariáveis indefinidos** imprimem caráter uniforme a tôdas as crenças, sem distinção alguma. Ao lado de tais princípios, encontram-se os **variáveis**, que, embora o sejam, guardam a característica de base. Os princípios invariáveis fundamentais compreendem, como foi declarado, o Ser Eterno (Deus) e a espiritualidade. È imemorial a consideração de que em tôdas as crenças Deus e os espíritos se encontram em plano a que não chega o conhecimento humano. Tal plano se designa sob nomes variados e todos conservam a significação cristã — **céu** ou **céus**.⁴¹

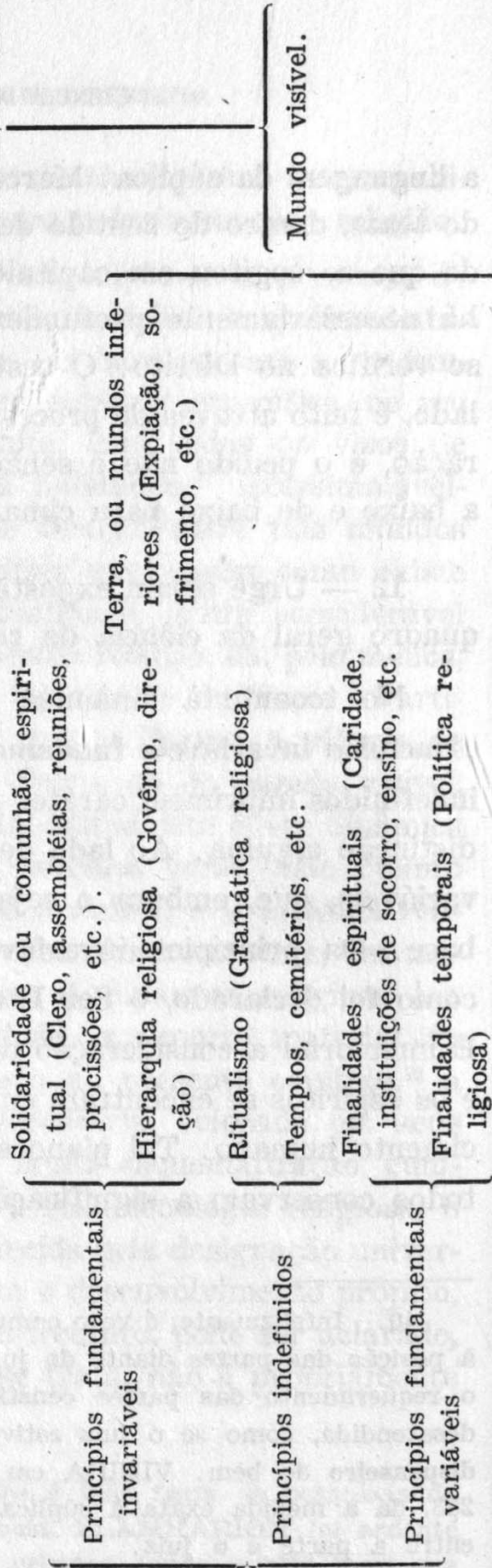
40. Infelizmente, é vezo comum na justiça a incompreensão quanto à posição das partes diante do juiz. Certa minoria entende, ainda, que o requerimento das partes constitui uma **súplica**, que é atendida ou desatendida, como se o juiz estivesse na posição de **doador da graça**, **dispenseiro** do bem. VIEIRA em seu famoso sermão, vol. XIV, pág. 283, dá a medida exata à súplica. Esta, juridicamente, é uma **relação** entre a parte e o juiz.

41. Há que distinguir entre **céu** e **céus**, segundo a linguagem de CRISTO. A alusão a **céu** é feita sempre em sentido amplo (MATTH., V, 34; XI, 23 e XII, 18). A designação preferida é **reino dos céus** (MATTH. II, 16; V, 11 12, 16, 20 e 25; XII, 11, 33 e 34; XVIII, 1, 3 e 10; XX, 1; XXII, 2, XXV, 11). O tema será objeto de análise mais atenta.

**DINAMICA
RELIGIOSA**



**ESTATICA
RELIGIOSA**



Os princípios invariáveis indefinidos compreendem dois temas, sempre submetidos a intermináveis controvérsias: a) **perpetuidade dos espíritos** e d) **comércio dêles com o mundo visível**. A primeira rubrica — **perpetuidade dos espíritos** tem a sua definição dentro das linhas teológicas de cada crença. É necessário se faça, de passagem, distinção entre **perpetuidade** e **eternidade**. A perpetuidade pressupõe criação. Se o espírito é obra do Eterno passará a ter a duração de acôrdo com Vontade do Criador. Se o espírito fôsse eterno em sentido próprio, não teria tido comêço. A eternidade convém a Deus, que, criando os espíritos, lhes dá duração perpétua.⁴²

Os princípios variáveis fundamentais compreendem o tema da responsabilidade individual dos espíritos e da sua situação após a morte do corpo. É o fundo da escatologia, referente na maioria dos casos à culpa e ao resgate. No que toca ao problema da salvação, após a morte, a matéria é versada em soteriologia. Dada a diversidade de tipos escatológicos e soteriológicos, sempre será difícil encontrar uniformidade. Aparência, similitudes surgem aqui e ali, à conta de vestígios de verdade suprema.

Em resumo, a respeito do que se vem dizendo em relação à dinâmica religiosa, basta se proclame que é tema de profundidade, incogitável à luz da razão, mas admitido pela fé. Vagamente, tôdo o mistério do mundo invisível, do que se considera — **Além**, reflete-se no mundo visível.

13 — Em relação à **estática religiosa**, a tripartição é a mesma: a) **Princípios invariáveis fundamentais**; b) **Princípios invariáveis indefinidos**; c) **Princípios variáveis fundamentais**. A simples análise do conjunto indica tôda fenomenologia religiosa em objetividade direta. Verifica-se na Terra. É a reali-

42. Famosa é a expressão do salmista, que vale por um tratado a respeito da eternidade de Deus e perpetuidade do espírito — Eu te gerei hoje (*Ego hodie genui*, PS., II, 7; Act., XIII, 33; Heb., I, 5; V, 5). A linguagem do Eterno é singularmente realçada pelo pretérito perfeito — gerei, através do advérbio — hoje. Hoje, segundo os bons teólogos, é a demonstração da eternidade de Deus.

dade da religião nas suas manifestações exteriores. Se a **dinâmica religiosa** é eminentemente subjetiva, oferecendo vastíssimo campo para discussões e pesquisas, já a **estática religiosa** tem uma correspondência apagada com a dinâmica. A rubrica ampla — **solidariedade** ou **comunhão** — compreende o tipo geral de que dá notícia a palavra grega — **kleros**, que tanto pode ser espiritual como corporal. Notadamente, predomina a organização, o corpo religioso (assembléias, reuniões, comunidades, procissões, etc.), e é isso base para a afirmação da **ecclesia**. Por outro lado, como **princípio invariável fundamental**, aparece indefectivelmente a **hierarquia espiritual** ou **hierarquia religiosa**, que abrange forma de govêrno, orientação própria, etc., do corpo religioso. Desnecessária seria a exposição do tema, em suas transformações, através dos séculos. Seria uma espécie do Estado religioso. A história oferece série infindável de transformações dos tipos do Estado religioso, mais caracterizadamente conhecido por **nação religiosa**. Através dos tempos, a separação dos poderes **temporal** e **espiritual** fixou-se definitivamente em linhas exatas.⁴³ A hierarquia espiritual, ou a hierarquia religiosa, como fenômenos propriamente dito, não é nem jamais foi convenção ou criação humana. Manifesta-se em bases tais que se não modificam nunca. Sofre necessariamente os influxos de cada época, mas em essência é inerente à organização. Da hierarquia dão notícia as chamadas disciplinas, as regras, que se incluem em codificação, tanto quanto o permitam as condições do meio. Em determinadas confissões, constituem o **jus religiosus**, ou, concretamente, o **jus ecclesiasticus** ou, ainda, segundo a designação específica da Igreja Católica Apostólica Romana — **direito canônico**. Não se tome a expressão em sentido restrito. O **canon** tem amplitude por vêzes considerável. Além de compreender o que seria regra geral, para a direção do órgão religioso, restringe-se a de-

43. Matéria que exigiria, não apenas meia dúzia de linhas, mas centenas e centenas de páginas, está hoje identificado com a Igreja Católica Apostólica Romana, dentro de organização perfeita, sob a designação Estado do Vaticano, Estado Pontifício, Santa Sé.

terminados pontos da atividade religiosa. A autoridade define-se invariavelmente pelo **canon**, isto é, pelo conjunto de preceitos que lhe estabelecem, não só a investidura, senão também a extensão do cargo no seu exercício (**jurisdição religiosa**) e, conseqüentemente, na própria hierarquia. O que caracteriza, entretanto, o **canon** é a permanente função definidora de pontos de fé.

A segunda rubrica — **princípios invariáveis indefinidos** é que, em verdade, compõe a fisionomia por assim religiosa da crença. Tem extraordinária importância na vitalidade da confissão. Abrange o **ritualismo** em sentido amplo e tôda a exterioridade material da expressão religiosa. O ritualismo está em tôdas as religiões e em cada uma oferece conteúdo próprio, tradicional, racional, místico e prático.⁴⁴ Por isso mesmo, não há confissão religiosa que não tenha a sua teologia, traduzida em rituais. A respeito dêsse ponto foi muito claro WACH.⁴⁵ Fato é, sem contestação alguma, até mesmo entre os negadores, que o homem tem «sêde do mistério», ou a «fome da coisa sagrada». Vem-lhe a necessidade de comunicar-se com as coisas do Eterno. Tal necessidade, além de ser estado de angústia, espécie de sofrimento perene, é também sujeição inata, irreprimível, a um poder. Sujeição inerente à vida. Procura o homem evadir-se de si mesmo, para uma satisfação que inútilmente procura definir. O tema deve ser compreendido à base de fato concreto, indimentável: o homem sente-se **doente**, misteriosamente **enfêrmo**, tem em si mesmo uma **chaga**, certa **mácula** que em vão procura apagar. Todo seu esforço é desenvolvido na procura de um remédio, de um consôlo, de um bálsamo. E o esforço traduz-se num conjunto de operações mentais, que tendem inevitavelmente a exteriorizações. Eis, em resumo, a origem da liturgia em tôdas as religiões. Óbvio seria dizer que a linguagem

44. JAMES BISSET PRAT. *A Psychology Study*, pág. 14 e segs.

45. *Op. cit.*, pág. 44 e segs. É admirável o estudo nesse aspecto. O autor, através de linguagem elegantíssima, expõe, não apenas opinião própria, mas a de vários autores.

litúrgica existe em cada confissão religiosa, e até em muitos pontos, comum a tôdas, considerada, por isso, **princípios**, ou regra, invariáveis pela finalidade e indefinidas pela forma. Podem ser reduzidas a: a) **adoração do Ser Eterno**; e b) **reparação**.

A designação ampla — **liturgia** — tanto pode conter, como contém, o sentido subjetivo da prática religiosa (**oração, exercícios espirituais, etc.**) quanto conservar o aspecto objetivo, a exterioridade, a representação religiosa (**ritualismo**). Corresponde êste, necessariamente, a um simbolismo adequado, seja pela palavra escrita ou falada (**gramática religiosa**), seja pelo sentido misterioso, enigmático, através de fórmulas que são o fundo do **sacramentalismo**.⁴⁶ O **sacramentalismo** constitui, em rigor, a vida religiosa, a sua atividade por excelência. Vale-se de todos os recursos disponíveis para o que se diria **eficácia religiosa**. Entre **ritualismo** e **sacramentalismo** há muito que distinguir. Êste seria o conteúdo, a substância daquele. **Rito** não é nem poderá ser propriamente a **oração**. Como será exposto, a oração não chega a ser um princípio religioso, mas a própria vida da religião, ou a própria religião.

Com **princípio invariável indefinido** surge, como força representativa externa da religião, o **templo**. O tema admite longo desenvolvimento, sob todos aspectos, quer sob o ponto de vista histórico, quer na esfera da teologia. Dado o sentido de generalização em que se acham orientados os presentes estudos, buscar-se-á o resumo. A primeira consideração que acode ao analista é o do sentido teológico. Assim como se confunde a organização, ou o corpo da confissão, pelo conjunto de seus fiéis, com a própria numenidade, há dos que confundem o **templo**, com a própria fenomenologia religiosa. Possível é que

46. No tempo em que a **confissão religiosa** ou a religião abrangia tôdas as atividades humanas (o sacerdote era **rex** e **judex**, reunindo em sua pessoa os poderes temporal e espiritual), tudo obedecia a fórmulas sacramentais. Primitivamente, o sacerdote, além de **rei** e **juiz**, era **magô**, ou, em termos concretos, exercia a medicina. Separadas as atividades, através dos tempos, tudo se modificou. O rei deixou de ser sacerdote. O poder temporal distanciou-se do poder espiritual. A autonomia de cada figura redundou no fortalecimento da **sacramentalidade**.

haja cidade sem sol, mas difícilimo é que haja cidade sem Deus, dizia PLUTARCO.⁴⁷ A célebre sentença de quem fôra sacerdote em Delfos é bem clara na afirmação de que, em aglomerado humano, é invariavelmente guardada a fidelidade a crenças, com a exteriorização delas sob formas específicas. O homem, no seu recolhimento interior, por si próprio, seria **templo**, conferindo-se a si mesmo a condição de séde da numenidade.⁴⁸ Por outro lado, sempre se confundiu o corpo religioso, ou tôda a organização religiosa com o templo, e a confusão é amplamente admitida pelo vulgo, esquecido de que a divindade não está no próprio templo e até guarda sentido de superioridade às realizações do homem.⁴⁹ Casa de oração, sob tôdas as formas e tôdas as dimensões, apresenta, em tôdas as confissões religiosas, uma parte, que constitui o **altar**, ponto de convergência para o rito. Tabernáculo é a designação para a parte mais importante ou fundamental do altar. Como expressão material religiosa, não é privilégio de religiões.⁵⁰ A razão é que o **templo** é por si a representação religiosa, e todos os cultos religiosos sempre tiveram e têm a representação simbólica na séde, ou no lugar em que possam ser realizados. Não

47. PLUTARCO — Obras morais. *Contra Colotés*, cap. XLIX.

48. I. Ad Cor., III, 16: *Nescitis quia templum Dei estis?*

49. É célebre a apóstrofe de CRISTO aos Fariseus e Escribas: «Cegos! Qual, pois, é maior, a oferenda, ou o altar que santifica a oferenda? Aquele que jura pelo altar, jura por êle e por tudo o que está sôbre êle. E todo aquêle que jura pelo templo, jura por êle e por aquilo que nêle habita. E o que jura pelo Céu, jura pelo trono de Deus e por aquêle que está assentado sôbre êle.» (MATTH. XXIII, 19, 20, 21 e 22; Act., Apost. XVII, 23).

50. O sentido de privilégio para determinada confissão religiosa no uso do **templo**, ou de **casa com forma exterior de templo**, predominou por muitos séculos. Veio do Estado religioso ou do Estado que adotava determinada confissão religiosa. Admitida a doutrina do Estado agnóstico, totalmente separado de qualquer culto, não ficou, entretanto, à solta a indiferença pelo culto. Se êste é ofensivo aos bons costumes, ou incompatível com a ordem pública, cabe ao Estado intervir no caso, proibindo a ação nociva da religião nesse aspecto. No Brasil, a Constituição do Império, consagra no art. 5 a Religião Católica Apostólica Romana na condição de religião oficial, conferindo-lhe privilégios. En-

cabe aqui a exposição de natureza teológica ou mesmo filosófica, nem qualquer excogitação psicológica a respeito do fenómeno da fusão do templo com a numenidade, matéria que dá ensanchas a agudas observações a respeito da idolatria ou do fetichismo. O que apenas deve ser pôsto em relêvo, sob o ponto de vista da sociologia da religião é que o **templo**, além de constituir elemento de base para a economia religiosa (patrimônio, fábrica ou conjunto de interêsses ou disponibilidades materiais, etc.), envolve a um tempo, não apenas a caracteriologia religiosa em seu aspecto material, mas a própria religião. Recorde-se que a confusão do fundo religioso com o próprio templo sempre foi e continuará a ser por muitos séculos uma constante do culto. Pela palavra do CRISTO,⁵¹ há afirmação de que acima do templo, e de qualquer templo, está a Vontade Divina. Entretanto, nunca escapou à sociologia a identificação que existe entre os costumes do povo e a manifestação religiosa. Daí a inevitável caracterização desta na figura material do **templo**, em cada aglomerado humano. No tempo do CRISTO, a **domus orationis**, que era o templo de Salomão, seria a representação religiosa dos Judeus. As sinagogas, entretanto, iam surgindo, quer em Jerusalem, quer fora da Cidade Santa, não pròpriamente com as características de templo, mas na condição de assembléias mais ou menos políticas. Só mais tarde é que a sinagoga tomou caráter nitidamente religioso, para a sustentação da lei mosaica. Nas religiões ocidentais, que têm como base a tradição bíblica, o primitivo templo era o altar a céu **aberto**,⁵² para holocaustos e expiações. Seja sob que forma

retanto, a tódas as confissões religiosas reconhecia o direito de culto particular, «em casas, para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templos.» Proclamada a República, a Constituição aboliu o oficialismo religioso, proclamando a liberdade dos cultos. Com o crescente avanço das conquistas jurídicas, o direito do culto tem características próprias. A exteriorização do templo sob formas peculiares é direito da confissão religiosa. Religião que busque a caracterização religiosa de outra está em usurpação do direito adquirido.

51. MATTH., XII, 6: **Dico autem vobis quia templum major est hic.**

52. Gen., VIII, 20

surgisse, fixou-se através dos tempos como **casa de oração**. Não comportam — óbvio seria dizê-lo — os limites dos presentes estudos considerações mais ampla entre **liturgia** e **templo**. Inegável é que a linguagem litúrgica é uma eterna variação de fórmulas que se traduzem em ponto único: adoração da numenidade. Envolvendo, como envolve, o próprio templo, desce a minúcias, etiquetadas, tôdas, para a finalidade comum. As práticas religiosas, os ofícios e as celebrações de cunho mais alto, são verificados em rubricas próprias, em atitudes e gestos, e até as vestes, as alfaias, tudo obedece a rigores invariáveis, muito embora desde a alta antiguidade guardem certa uniformidade objetiva, em recriações contínuas, como adverte CHATEAUBRIAND.⁵³ Não se dirá, entretanto, que tôdas as religiões sejam **paramentais**, ou, antes, façam depender dos paramentos o sentido litúrgico do ofício religioso, mas a liturgia não prescinde nem pode prescindir do paramentalismo. Trata-se de coisa antiga. Coifas, coroas, mitras, filactérias, veus, franjas, tudo — repita-se — vem da alta antiguidade. Chega-se a um fato sem contraste: se há uma repetição através dos séculos, não parecerá errônea a afirmação de que, materialmente, há uma **linguagem** nessas etiquetas exteriores. Exatamente porque há essa linguagem mística, é que cada religião se vale de indumentária própria, específica, e isso estabelece **privilégio** de cada confissão religiosa. As similitudes provam a existência de um fundo comum: meios de adoração, ou modos. E êsses modos é que dão carterísticas a cada religião. Os fatos demonstram no curso da história a semelhança e, por vêzes, perfeita igualdade de usos. Em relação ao **templo**, por exemplo, basta a atestação de sua forma exterior, a existência da **tôrre**. Se, por lado, parece corresponder a um sentido nitidamente religioso, como projeção espiritual, ascese ou aspiração ao Céu e, conseqüentemente, uma expansão devocional, por outro lado não é mais do a reminiscência da montanha, ou do interêsse em buscar altura. De fato, a natureza do

53. CHATEAUBRIAND. *Le Génie du Christianisme*, pág. 440, ed. 1910. Librairie Hachette & Cie., Paris.

alto dos montes sempre imprimiu ao homem meditação profunda das coisas do mundo. Noé ergueu o primeiro altar em um dos montes da Armênia,⁵⁴ como ergueria Abraão o altar do sacrifício em certo cume. Moisés veria o Senhor no Monte Sinai⁵⁵ e CRISTO procuraria o Tabor para a transfiguração.⁵⁶ O analista dos fatos religiosos tanto admitiria o altar a céu aberto quanto registraria as variadas formas sob as quais se apresenta aquilo que, para o direito eclesiástico, é considerado *res sacra* ou *ædes religiosa*. O que é indissimulável é que o templo é dado invariável indefinido.

14 — Os princípios variáveis fundamentais abrangem dois ramos: a) **finalidade religiosa pròpriamente dita** e b) **finalidade ético-política**.

Finalidade religiosa pròpriamente dita, em relação às coisas do século, compreende tôda a prática religiosa sob o domínio da caridade e, assim, em cumprimento das leis do amor, tomada a palavra no sentido alto. A função religiosa, nesse ponto, assume aspectos importantíssimos, dado o fato de que tôda a atividade individual está em relação com o futuro, vingada a tese de que, após a morte, os atos da criatura a seguem inelutavelmente, segundo adverte a confissão de tipo alto, ou categoria suprema, que é a Igreja Católica.⁵⁷ Tudo poderia ser resumido na **caridade**. Realmente, a instituição de estabelecimentos hospitalares, asilos, berçários e todo um vasto sistema de socorro psíquico e material, etc., para cumprimento da Vontade Divina, constitui o teor da atividade religiosa, para a finalidade própria. Se o Estado moderno, na sua função de

54. Gen., VII, 20.

55. Exodo, XVII, 10 e 15.

56. Idem, XIX, 20; *ibd.*, XX, 25.

57. Apoc. XIV, 13: «...opera enim illorum sequuntur illos». O versículo é de extraordinária importância para a confissão religiosa, e atesta o sentido comum de tôdas as religiões na crença de um mundo após a morte. Em outros termos, há a quase probabilidade de que, sem essa crença, não haveria religião alguma. Tanto vale dizer, ainda, que a religião existe, porque há crença na imortalidade da alma.

proteger e assistir, chama a si a atribuição de zelar pela saúde e ordem do aglomerado humano, organizado em Nação, estaria conferindo de certo modo delegação à entidade religiosa nêle predominante. Não se proclamará com isto que o Estado despoje de si a prerrogativa de realização do bem público, mas teria necessidade da colaboração religiosa para o cumprimento dos interesses do Estado, na parte restrita à educação e à proteção do aglomerado humano. A religião, é claro, na sua função precípua, estaria a dar impulso a muitas das atividades estatais, ao mesmo tempo em que cuidaria da finalidade religiosa.

Os fins **ético-políticos** incluem-se na estática religiosa em função puramente plasmadora da paz. O atributo belicoso, que outrora se dava às religiões primitivas, colhia a sua origem no fato de, no **rei**, achar-se integrada a função do sumo sacerdote, isto é, vinha dos tempos em que o sacerdotalismo primitivo empunhava concomitantemente o cetro do poder real e o do poder espiritual. A tradição bíblica está profundamente impregnada dessa fenomenologia, de que há ainda vestígios em algumas regiões do globo. Basta um apanhado geral da história para a demonstração de que as legislações religiosas, características por assim dizer de **jus religiosus**, estavam imbuídas de concepções estreitas. O sacerdotalismo abrangia duas formas distintas: o **clericismo** e o **laicismo**. Diante de sua exteriorização, todo grupo adverso que surgisse seria tido na condição de **infiéis**. Concretamente, para o cristianismo antigo, a humanidade estaria dividida em duas classes: **fiéis** e **pagãos**. Pela mesma forma, cada religião sempre supõe no seu inimigo o hereje, o bárbaro, o pagão, etc.. Definidos os direitos supremos do homem, consagrados em cartas solenes, as antigas concepções que se estribavam no ódio, e iam até ao terreno do crime, perderam a influência em tudo. Como foi acentuado, perduram ainda práticas obsoletas, idéias grosseiras, exclusivismos asfixiantes. Um dêles, tido hoje sob repulsa universal, é o chamado recurso à **guerra santa**. Nada mais odioso do que, a pretexto de salvaguardar interesses econômicos ou, por vêzes, a pessoa dos dirigentes políticos, provocar o desencadeamento de fôrças religiosas. O fim ético-político

da religião não é nem poderá ser a velha tese — **o homem — lobo do homem**. Daí o sentido da tolerância, através do crescente aperfeiçoamento do intercâmbio dos aglomerados humanos. A tolerância está para os princípios ético-religiosos como a caridade está para a finalidade religiosa propriamente dita. O significado da tolerância corresponde a termos de convivência pacífica, entre os homens na sua personalidade inteiramente livre do medo e da fome.⁵⁸ Como se tem por absolutamente certo que o fim ético-religioso alcança a plenitude de sua realização, não será menos certo que as religiões, conservadas as fronteiras puramente temporais que as separam, compreendem a própria destinação do homem e, por isso mesmo, têm interêsse na paz e na ordem.

15 — Estabelecido em linhas gerais o quadro da ciência das religiões, tempo é de, em resumo, fechar os dois grandes ramos — **dinâmica e estática religiosa** nos seus dois pontos capitais. A dinâmica religiosa compreende tudo quanto o espírito humano poderá captar em relação ao **mundo invisível**, na sua eterna propensão teórica para a numenidade ou, então, dentro da concepção universal que o homem tem de Deus. A **estática religiosa** abrange a atividade do homem em relação a essa concepção universal. A dinâmica é a ação por excelência. O mundo visível, na sua eterna passividade, recebe diretamente a

58. Não será exagero, antes verdade suma, a afirmação de que a concepção moderna dos direitos do homem vem em linha reta da palavra do CRISTO. Se em 7 de janeiro de 1941, o presidente ROOSEVELT pregava em famoso discurso as **quatro liberdades**, não teria feito senão repetir a palavra de Quem modificou a face da Terra, repelindo o mosaísmo em sua estreita concepção ético-política e conclamando os homens à paz e ao amor ao próximo. ROOSEVELT apontava entre as quatro liberdades o direito de cada um de adorar a Deus a seu modo (**The second is freedom of every to worship God own way — every where in the world**). O princípio alcançou amplitude no art. XVIII, da Declaração Universal dos Direitos do Homem, nos termos seguintes: «Todo homem tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e religião; êste direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância isolada ou coletivamente, em público ou em particular».

ação e, assim, **funciona**, segundo os mandamentos do Eterno, sem a menor intervenção coletiva ou pessoal do homem. O que se compreende, como traço de união entre o mundo invisível e visível, é a posição humilde do homem, que, sem fôrças para dirigir os acontecimentos, procura o Nome Eterno para Nêle se integrar. E esta procura é realizada através da Oração Maior, exatamente no ponto em que o homem se anula inteiramente, para que se santifique o Nome «assim na Terra como no Céu». ⁵⁹ Já se disse que à oração sempre se deu o sentido de súplica, e é nesse ponto que se situa o fundo de tôdas as religiões. A inteligência que se vem admitindo em tôrno da prece reduz-se ao extremo do exclusivismo pessoal, e não confere em substância com a palavra de CRISTO. ⁶⁰ Exatamente porque a oração é uma relação entre o mundo visível e o mundo invisível, é indispensável seja examinado em bases mais altas o sentido com que se apresenta sob o caráter de ligação. O homem, peregrino na Terra, estaria na posição do viajante que se distancia do centro de suas atividades e se encontra no dever de dar a seu chefe conta de sua missão ou de seus trabalhos. Não se dirá, jamais, que se coloque à altura de lhe falar ombro a ombro. Nem por outro lado se entenderá que a sua humildade seja base ou meio de ser ouvido. O tema é profundamente complexo e, por isso mesmo, intraduzível em linguagem humana. Invade a um tempo a personalidade do homem, buscando as raízes profundas do ser espiritual. A

59. A Oração Maior, ensinada por Jesus, é um perfeitíssimo resumo da ciência de religião. No ponto em que situa a existência do **reino puro** (mundo invisível), há a ligação do mundo visível com o Eterno. No lanço em que fala — **Seja feita a tua vontade, assim na Terra como no Céu**, a verdade surge em traços admiráveis a respeito do **mundo espiritual** (Céus) e o mundo carnal (Terra).

60. MATTH., VI, 8: «Vosso pai sabe o que vos é necessário, primeiro que lho peçais» (*Scit enim Pater vester, quid opus sit vobis, antequam petatus eum*). A muitos afigura-se inteiramente, inútil a prece, fundados em que é imutável a Vontade Divina. Em certas religiões da Índia, a oração está excluída, porque é considerada inteiramente nula, sem eficácia alguma, dada a fatalidade das leis do **Karma** (R. dela GARASSERIE e R. KREGLINGER, op. cit., 140).

posição de **alma enferma**, isto é, de **alma que se sente culpada**, atinge o tema da responsabilidade e vai ao terreno da medicina espiritual e aí o seu conhecimento transcende os limites profundos, nos quais impera a chamada misericórdia divina. O grito desesperado da criatura — **Só Deus sabe o que eu sofro** — dá bem a medida do tema, que, na atualidade, além de constituir matéria vastíssima para a psiquiatria, sempre vacilante e por vêzes inútil nas suas afirmações, mormente no que considera **neurose religiosa**, está ligada aos dons sacramentais ou proféticos.⁶¹ O significado da oração é profundo: é o de sujeição imediata do mundo visível ao mundo invisível. Seria inútil negar que a fenomenologia religiosa está presente em tôdas as atividades universais, no que concerne aos problemas da morte. Tem o testemunho da história. Impregna-se em numerosos fatos que não são criações do homem. Desdobra-se em mil formas, dissociando-se ao extremo de variedade e é tão intenso grau que parece dominar inteiramente o homem. A faculdade de crer, isto é, a propensão para aceitar um sentido da existência depois da morte, já não é por si um mistério?

61. A faculdade de se achar em comunicação com as forças divinas (em muitas religiões predomina o privilégio de comunicação direta com Deus) constituía exclusividade do **sacerdotalismo**, através de operações específicas, sob a designação ampla de **sacramentalismo**. Tôdas as religiões de âmbito universal estão apoiadas em correntes internas, com escala hierárquica, e valem-se de iniciações, a fim de que o **profetismo** fique em bases sólidas. Na atualidade, embora as conquistas democráticas levem o homem para todos os excessos em matéria religiosa, o reconhecimento da grandeza da religião continua a dominar as massas. A comunicação com Deus tem as formas simbólicas, misteriosas, operações prévias, ou rituais próprios, sob formas, diversas. Pe. LACORDAIRE, em conceitos firmes, apontou o fato **universal, inegável da profecia e do sacramento**: «... il y a dans le monde un autre moyen de communiquer avec Dieu, de s'élever à Dieu, que la nature et la raison, la doctrine catholique ne dit pas une chose vaine, une chose sans appui dans l'histoire; elle dit une réalité, **une chose que, en dehors d'elle, en tout temps, en tous lieux, sous toutes les formes, existe**» (*La Tribune Sacré*, IV, pág. 308, 1.ª conferência, 25 de janeiro de 1859). Mais adiante, chega a declarar que não só o indivíduo, mas a humanidade inteira, é profética e sacramental (pág. 309).

O analista do fenômeno religioso está sempre diante uniformidades, de similitudes e esbarrará sempre em princípios que não variam nem mudam de forma ou de significação. Poderá rir o positivista, o matemático, o astrônomo, o chamado ateu, apegados a fórmulas rígidas de conhecimento imediato. O riso terá qualquer coisa de idiota, ou de inocente inútil. Se ainda hoje se discutem problemas de física nuclear; se ainda nada se sabe da matéria, e tudo continua sendo debatido na esfera das hipóteses, em afirmações filosóficas de rumos diversos, — que se dirá do conhecimento da alma, verdade que se acha escondida no coração do homem, como sêlo da Vontade Divina? Adote, através dos meios de manifestação de seu mundo interior, a forma que lhe pareça conveniente para a exteriorização de seus pensamentos, ou queira fugir por momento a essa manifestação, o homem estará sempre em subordinação total às forças do Eterno. E a subordinação surge no reconhecimento de que não está só: fala-lhe no fundo de seu ser, não apenas o eu, nem a transformação misteriosa por que passa sua natureza psíquica, mas uma força que em vão a ciência finge ignorar e que lhe aparece com todo o esplendor da realidade tão forte, tão viva, tão grande, tão profunda que o homem apenas se sente pequenino, inteiramente reduzida a nada.

16 — Para remate do presente capítulo e dêsse primeiro livro, urge se façam considerações finais a respeito da ciência das religiões. Haverá, porventura, manifestação mais complexa, no domínio das manifestações, ou segundo a muito conhecida expressão de LEVY BRUHL.⁶² **na esfera das representações coletivas** do que o fato religioso? Em primeiro lugar, por pura questão de método busque-se a resposta para a pergunta. **Que é fato religioso?** Embaraçam-se todos os mestres para a

62. No seu precioso e agudíssimo ensaio **Las Funciones Mentales en las Sociedades Inferiores**, LEVY BRUHL, para contrariar o animismo de TYLOR (**Civilización Primitiva**), chefe da escola antropológica inglesa, e a escola de FRAZER (**Rama Doirada**), procura explicar, a seu modo, o **maximum** de semelhanças entre instituições, crenças, as quais obedecem a uma lei geral que seria a da **participação**. Sem intuito de diminuir a contribuição de LEVY BRUHL, que é realmente brilhante, aponte-se-lhe entre as muitas dúvidas uma contradição: «Dire que, en las representaciones coletivas de la mentalidad primitiva, los objetos, los seres, los fenomenos pueden ser de **manera incompresible para noso-**

exata fixação do tema, preocupados que se acham exclusivamente na pesquisa de todos os elementos que hajam dado ao fato. Seria isso problema de história. Mas o **fato religioso** em si próprio não surge em sua significação originária. Tudo não passa de explicação pela rama. As próprias pesquisas esbarram em dúvidas irremovíveis. Explicar um fenômeno religioso através de pesquisas em povos que tiveram estágio grosseiro, ou **não tenham sido propriamente religiosos**, seria alinhar frases inúteis e afirmações vãs. Ora, não se tem notícia de povo irreligioso, ou destituído totalmente de crença.

tros, a la vez ellos mismos y algo distinto que ellos mismos » (Op. cit., 67). O mestre enfrenta fatos, aos quais quer impor interpretação pessoal, esquecido de que a constante de sua linguagem é a de que as representações são de caráter **místico**. Em interessante artigo — **A origem da religião**, de HENRI DE LUBAC, professor de teologia (**Ensaio de Suma Católica contra os Sem Deus**. Col. do Pensamento Cristão, I, direção do Padre LACROIX, pág. 215 e segs.) há um substancioso resumo do problema. Nele são expostos os sistemas que procuram a origem da religião nos povos primitivos, sistemas apregoados por FRAZER, TYLOR, a escola alemã (método histórico-natural, RATZEL, FROBENIUS, GRAEBNER, ANKERMANN), a escola austríaca (SCHMIDT, GUSINDE, KOPFFERS, SCHEBESTA), escola inglesa (MALTLAND, RIVERS, ELLIOTSMITH), escola americana (BOAS, DIXON, GOLDENWEISSER, RADIN, LOWIE), as idéias racionalistas dos já citados DURKHEIM e LEVY BRUHL, do próprio AUGUSTO COMTE, algumas construções filosóficas marginais (o tradicionalismo, a psicologia associacionista, o evolucionismo spenceriano, o dinamismo materialista sob o influxo de BUCHNER) até o materialismo histórico, o marxismo leninista. As conclusões de LUBAC, na refutação que faz a autores diversos, são magníficas. Recorde-se aqui a figura serena de STAHL, o cérebro corajoso que se não envergonhou de dar ao problema do **fato religioso** o sentido alto do **animismo**, embora a seu modo. Modernamente surgem novos investigadores do porte de BRINTON (**Religious of Primives Peoples**), WALLIS (religion in **Primitive Society**) e muitos outros. Sem exagêro algum, somados os autores e tirada a média, parece que se busca uma espécie de **história natural de religião** ou **história natural religiosa dos povos primitivos**. O balanço de tôdas as informações parte de uma falsidade: Serão os habitantes das regiões desconhecidas até há pouco as mesmas dos séculos anteriores? Acima de tudo, haja a resposta à pergunta: Onde está a prova da ancianidade de tais povos?

Assim, o método de exclusão dos povos primitivos religiosos para a pesquisa do fato em povos que não tenham tido religião alguma parece fugir a princípio lógico. Em primeiro lugar, não há demonstração etnológica nem antropológica nesse sentido. O que existe são construções puramente teóricas na esfera das conjeturas. Demonstração rigorosamente histórica não há. Em segundo lugar, ainda que se buscasse o **minimum** de representação mental religiosa em povos primitivos, será sempre impossível a demonstração de que a humanidade anterior não se achasse impregnada desse **minimum**. Os cientistas do tópo de um LEVY BRUHL, de um FRAZER, de um DURKHEIM, de um LUBBOCK e tantos outros não se capacitaram de que o **fato religioso** é bem mais profundo no seu significado. Ficaram na posição de que êle pudesse, através de analogias, ser dissociado ou desintegrado em partes isoladas, como se fôra **produto** de determinados elementos. Suponha-se um mineral definido: diamante. Se existe, teria tido origem. Evidentemente, se é encontrado **in natura**, segue-se que surgiu em determinada fase da formação da Terra. Ora, o **fato religioso** não é o diamante que surgiu em determinada fase da formação da Terra: é um fenômeno certo, inegável, no qual não intervem a inteligência humana, senão em pura passividade. Ê pre-existente a tudo. O mecanismo interno da atividade mental está de tal maneira disposto que, inevitavelmente, em face de si próprio, em face da natureza e, acima de tudo, em face do mistério de que se acha cercado, o homem teria como sempre teve a atitude mental religiosa que se observa em tôdas as épocas. Não há que investigar uma fase anterior irreligiosa na humanidade, para a edificação de um sistema. A impossibilidade do plano salta aos olhos, dada a consideração de que o irreligionismo corresponderia a uma **tábua em branco** ou a uma inexistência do mecanismo mental interno. Isto conduziria ao absurdo, pois chegaria inevitavelmente à admissão de que não existia a faculdade mental... Se se prova, através de conjeturas e suposições, que a humanidade primitiva tinha uma compreensão própria, ou estava obrigada a representações coletivas (expressão favorita de LEVY BRUHL) em formas rudimen-

tares, intraduzíveis em linguagem do mundo contemporâneo, isto não basta. O necessário, o inevitável, o irrespondível no raciocínio seria o **quid** dessa faculdade de **ter representações** coletivas. As interrogações que se seguem ficarão sempre sem resposta: Por que os povos primitivos tinham representações coletivas dessa ou daquela maneira, dentro de certas analogias ou similitudes? Por que as representações lhes vinham sempre? A questão deve ser levada, pois, a termos altos. O erro das investigações está exatamente nessa ausência por assim dizer angustiosa da verdadeira pesquisa. O homem por si mesmo é um ser que não se define, segundo a conclusão melancólica de ALEXIS CARREL. Não poderão jamais explicá-lo os cientistas e pensadores. Se porventura se sentem satisfeitos com a consideração de que, no reino animal, ocuparia o lugar mais alto na escala, ficariam, entretanto, na posição eternamente inútil de procurar a origem de si próprios, através de escalas inferiores. É que o **quid** verdadeiro não está na fixação do tipo primitivo do homem. Está em provar os motivos pelos quais não surgira **outra forma** para o homem. Se os silvícolas se enfeitam de penas e se consideram pássaros; se os povos de cultura inferior se ligam em representações que parecem extravagantes; se os costumes, as práticas, as crenças guardam uma essência comum, há que investigar as razões ou motivos de uma orientação que não varia. Crêr — não é verbo que se conjuga por simples invenção do tempo. Tem as suas raízes no ser, e as raízes não podem ser arrancadas em séculos mortos. As raízes superam os próprios séculos. Em vão os psicólogos modernos, os artistas de ginástica psicanalítica, os ideadores e fantasistas de uma representação criada pelo próprio homem, procurarão um sistema em que apregoem arquétipos, ideações mentais, paralogismos conjecturais, etc.. Não compreenderão as raízes profundas, de que fala ELIFAZ DE TEMAN no imortal convívio com o varão de Hus.⁶³

NIETZSCHE, que foi inegavelmente um grande escritor, atormentado de idéias por vezes extravagantes, tentou fundar

63. Job, V, 3.

a moral social, buscando projetar no mundo as suas concepções, as quais se afastavam inapelavelmente das bases fundamentais religiosas. Quis tornar o homem, pela vontade, o centro do mundo. Foi a tentativa louca do super-homem. Ao começar pela exclamação — «Eu vos anuncio o Super-Homem», ao terminar seus estudos pela apóstrofe — «A piedade de Deus matou-O» — deixou a estranha teoria de que o poder da vontade é tudo. E o criador da idéia estapafúrdia do Suicídio Divino — mergulhou por sua vez na noite da loucura... Outro exemplo da falsa projeção do eu, feita de dados universais de fenomenologia religiosa, foi COMTE. Alimentou a pretensão de criar a sua fenomenologia religiosa em sentido prático, e de sua experiência filosófica resultou a **religião da humanidade**, inteiramente desvirtuada da atividade do eu, em fixação representativa de fatos que se não conhecem, ou fatos que estariam longe de uma atitude religiosa. Fundadores de religião em profetismo falso e sacramentalismo mais falso ainda, surgem a todo instante sob tôdas as formas e extravagâncias. E morrem com as próprias criações mentais. É que a religião, tendo, como tem, conteúdo que transcende em muito a própria compreensão humana, implica um conceito universal: é a relação entre o mundo visível e o invisível. O mundo invisível tem sobre o mundo visível meio de atividade em formas profundas e misteriosas que desafiam a inteligência do homem. Não pode êle compreender, nem jamais compreenderá, nos estreitos limites da Terra, o que há de eterno no mundo invisível. É que ninguém jamais viu a Deus,⁶⁴ nem mesmo poderá penetrar-Lhe a profundidade, as riquezas e a sabedoria, com a finalidade de Lhe desvendar a Mente ou a elaboração de seus juízos.⁶⁵ Admira, pois, que o homem ainda não conheça um palmo de si mesmo, isto é, não saiba penetrar com segurança o subterrâneo de seu próprio eu, e se dê à imensa, à desesperada, à louca vaidade de querer conhecer o abismo dos mistérios de Deus! Se o conseguira, seria êle o próprio Deus.

64. JOAN., I, 18.

65. Ad Rom., XI, 33; I Cor., II, 16; Sap. IX, 13; ISAIAS, XI, 13.